

OBRAS

Co. 3

DE

CHRISTOVAM FALCÃO

CONTENDO :

A ecloga de Crisfal, a Carta, Cantigas, Esparsas e Sextinas

COM UM

ESTUDO SOBRE A SUA VIDA, POESIAS E ÉPOCA

POR

THEOPHILO BRAGA

EDIÇÃO CRÍTICA

REPRODUZIDA DA EDIÇÃO DE COLONIA DE 1559, COM A
SEGUNDA PARTE APOCRYPHA DE 1721

PORTO

IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA

—
1871

ONRAS

CHRISTOVAM FALCÃO

1900

THEOPHILUS

CHRISTOVAM FALCÃO

ESTUDO SOBRE A SUA VIDA, POESIAS E ÉPOCA

O nome d'este poeta anda ligado a uma sentida lenda de amores, como a de Maneias, Juan Rodrigues del Padron, ou Bernardim Ribeiro; foi um dos ultimos trovadores da Peninsula, que diante do platonismo da poesia italiana da Renaseença se eonservou fiel ás tradições da casuistica provençal. É um poeta do *Cancioneiro geral*, que escapou ás indagações de Garcia de Resende, e não pôde entrar no grande côro dos fidalgos portuguezes que animaram os serões da côrte de Dom Affonso v, Dom João II, e dos primeiros vinte annos do reinado de Dom Manoel. Christovam Falcão tem no *Cancioneiro* de Resende duas Cantigas ou Esparsas com o nome de Bernardim Ribeiro; as suas obras sómente foram impressas pela primeira vez em Colonia em 1559, juntamente com a *Menina e Moça*. Estas primeiras indicações servem para localisal-o na sua época; todas as vezes que se estuda um escriptor, o melhor criterio para comprehendel-o é deseobrir as relações que elle teve com o seu tempo, o quê lhe deveu ou como o impulsionou. Lendo-se os versos de Christovam Falcão acham-se admiraveis, por aquella ingenuidade e sentimento pittoresco que só têm os periodos primitivos; as suas descripções lembram o pincel de Giotto, a namorada Maria affigura-se como uma virgem de Cimábue, do periodo pre-raphaélico. Aqui a pintura faz comprehendere o gosto da poesia. Os versos de Falcão, pelo bucolismo, e emprego exclusivo do verso octosyllabo, pela fórmula das Cantigas, Voltas e Esparsas, pertencem á poetica do fim do seculo xv, a que os poetas da eschola italiana no principio do seculo xvi chamaram *Eschola*

velha. Se Christovam Falcão escrevesse depois de 1527, quando Sá de Miranda propagou as fórmulas da poetica italiana, teria então adoptado o verso endecasyllabo, a fórmula da *outava* e do *terceto*, o *soneto*, e teria perdido o conceito provençal dos poetas que seguiam o *Inferno do Amor*; Falcão desconheceu esta nova poetica. Pelo facto de se não citar o seu nome na vasta collecção de Resende, não se segue que não houvesse versificado antes de 1516; a confusão com Bernardim Ribeiro é um facto positivo e uma prova de que n'este tempo já havia entrado no mundo da poesia. (1) Mas podemos dizer, que o seu periodo de actividade litteraria e sentimental, pela amizade com Bernardim Ribeiro e pela influencia que entre si mutuamente exerceram, se circumscreve entre 1516 e 1527.

Christovam Falcão pertence ao cyclo d'aquelles poetas que abraçaram a *Eschola velha*, como Jorge Ferreira, Gil Vicente, Frei Antonio de Portalegre e Gregorio Silvestre; é o ultimo ecco do alaúde provençal, modificado pelo gosto hespanhol de Padron e de Stuniga. Elle cede o campo aos novos metros, á pleiada Quinhentista que avassala o gosto; mas a verdade do amor deu-lhe a primasia sobre o artificio, fel-o sempre actual, tornou-o um mytho citado na India e em Colonia, impressionou a alma portugueza e fez com que as suas dôres pessoaes consolassem a de todos os que ainda hoje soffrem.

As suas obras, apesar das seis edições indicadas pelos catalogos bibliographicos, são a mais alta raridade da litteratura portugueza; a vida do auctor é hoje muito desconhecida, e quasi impossivel será o reconstruirl-a ignorando os processos inductivos da critica moderna. Tentamos esse grande esforço de lutar com a obscuridade do passado. As fontes a consultar, para descobrir factos sobre a vida de Christovam Falcão, são: primeiramente Diogo do Couto, no seculo XVI; Manoel de Faria e Sousa, no seculo XVII; Diogo Barbosa Machado, no seculo XVIII, e Innocencio Francisco da Silva no seculo XIX. Vejamos o valor de cada uma d'ellas. Diogo do Couto, tendo nascido em 1542, e

(1) No *Cancioneiro geral*, fol. 211, col. 3, vem uns versos *A uma senhora que se vestiu de amarello*, que são de Christovam Falcão (p. 24); no mesmo *Cancioneiro*, fol. 211, col. 4, a cantiga *Antre tamanhas mudanças*, etc., que vem em nome de Bernardim Ribeiro, é de Christovam Falcão, (p. 29). O vilancete de Bernardim Ribeiro: *Antre mim mesmo e mim*, etc. (*Canc.*, fol. 211, col. 5), pertence igualmente a Christovam Falcão. (p. 23.)

partindo para a India em 1559, devia ter ouvido falar no celebrado auctor do *Crisfal*, e com a sua grande veracidade de historiador traz o nome de um irmão do poeta, citando este como gloriosa antonomasia. Manoel de Faria e Sousa, nos *Commentarios das Rimas* de Camões, aonde abundam as memorias e tradições litterarias recolhidas por um infatigavel curioso, confrontando versos de Camões imitados de Christovam Falcão, chega até a apresentar um systema de interpretação allegorica da ecloga *Crisfal*. Barbosa Machado, tendo construido a sua assombrosa *Bibliotheca Lusitana* com materiaes antigos de manuscriptos de bibliothecas que se queimaram, traz factos positivos, que não podiam ser improvisados por um homem que só errou pela sua muita boa fé. Innocencio completa as noticias pelo lado puramente bibliographico; quanto aos dados para a vida do escriptor, regeita tudo com um scepticismo vago, substituindo a logica por umas pretensões a rigor. De todas estas fontes nos serviremos, tirando dos factos que allegam todas as induções que não repugnem á verdade.

Como todos os poetas do fim do seculo xv e principio do seculo xvi, Christovam Falcão pertencia á fidalguia portugueza; isto torna admissivel o chegarem ao conhecimento de Barbosa noticias da sua filiação e naturalidade. Barbosa diz que era natural da cidade de Portalegre, na provincia do Alemtejo; foram seus paes João Vaz de Almada Falcão, Capitão da Mina, e Dona Brites Pereira, filha de Ruy Fernandes Pereira. (1) É possivel que o pae de Christovam Falcão tambem fosse poeta; no *Cancioneiro geral*, recolheu Resende uns versos de João Falcão, que pertencem ao tempo em que os cavalleiros portuguezes trouxeram de Castella a moda das carapuças de veludo; aqui os reproduzimos taes como se recitaram nos serões do paço:

A tesoyra do Judeu
que cercêa mil pelotes
por dar mais lugar a motes,
ainda n'ella não deu.
Da volta só se faria
hum faixam
que cercasse o calção. (2)

(1) *Bibliotheca Lusitana*, t. 1, p. 573.

(2) Fol. 160, v, col. 4.

Muitas vezes os nomes heraldieos abreviavam-se na citação dos poetas, como vemos o mesmo Resende escrever Jorge Vascogoncellos por Jorge Ferreira de Vaseoncellos; isto torna mais possível que este João Falcão seja uma abreviatura de João Vaz de Almada Falcão. Barbosa diz também, que o auctor de *Crisfal* teve um irmão chamado Damião de Sousa Faleão, capitão de Salsete, na India Oriental. A verdade d'este asserto, authenticado por Diogo de Couto, confirma a veracidade dos factos apresentados por Barbosa. Na *Decada VIII*, escreve este eminente chronista, ao falar de uma invasão de indios: «A primeira cousa que fizeram foi queimarem as nossas cruces, que estavam pelos caminhos em cima dos montes, e profanarem os templos divinos, que não foi possível defenderem-se, e as gentes d'aquellas aldeias parte se recolheram a Salsete, onde estava por Capitão Damião de Sousa Faleão, irmão de *Christovam Falcão*, aquelle que fez aquellas antigas e nomeadas trovas de *Crisfal*, e parte se recolheram a Gôa.» (1) O facto eontado por Diogo de Couto passou-se em 1571, portanto Damião de Sousa sobreviveu muitos annos a seu irmão, talvez por ser mais novo. Depois de confrontar a citação de Barbosa com o que refere Diogo de Couto, rejeitamos o que diz o snr. Innocencio com a severidade com que se exime da critica: «A sua biographia é hoje pouco menos que desconhecida, e o que d'ella nos diz Barbosa abunda em faltas e incoherencias taes, que é sobremaneira difficil chegar a conelusões seguras.» (2) Depois de Diogo de Couto, Faria e Sousa combina com o que diz Barbosa, eujas faltas consistem *em não citar edições*, e principalmente as allusões da poesia espalham aqui uma grande luz sobre essa existencia mysteriosa.

Christovam Falcão eontou a historia dos seus amores na eeloga *Crisfal*; diz Barbosa: «Para não ser conhecido, o auctor d'esta obra oeeultou o seu nome com o de *Crisfal*, primeiras syllabas de seu nome e appellido . . .» É d'este mesmo modo que Manoel de Faria e Sousa expliea o titulo da Eeloga: «assi como Christoval Faleam, autor de las bucnas coplas de *Crisfal*, fabricó este nome de su nombre e apellido, tomando d'este el *Fal*, y de aquel el *Chris*.» (3)

(1) *Decada VIII*, cap. 34, ed. de Lisboa, de 1673, p. 164, col. 1.

(2) *Dicc. bibl.*, t. II, p. 68.

(3) *Commentarios ás Rimas*, t. IV, p. 256, vol. 2. Lisboa, 1689.

Mas deixemos a exegetica de Barbosa, e antes com os restantes factos que apresenta penetremos no legitimo documento em que Christovam Falcão deixou escriptos com uma linguagem sentida e cheia de verdade os successos intimos da sua vida. Christovam Falcão amou ainda muito novo, com a loucura e a sublimidade de um primeiro amor; e foram tão fundas as impressões que lhe ficaram d'esse rapido sonho da existencia, que apesar de todas as decepções, d'ellas tirou o colorido vivo com que mesmo depois de tres seculos nos apaixona. O nome da sua amada era D. Maria Brandão. (1) O logar aonde encontrou este primeiro idylio da vida, vem descripto na ecloga :

Antre Cintra a mui prezada
e serra de Ribatejo,
que Arrabeda é chamada,
perto d'onde o Rio Tejo
se mette n'agua salgada
houve um pastor e pastora
que com tanto amor se amaram, etc.

A ella chamavam *Maria*,
e ao pastor *Crisfal*, etc. (2)

N'este sitio aonde o Tejo se mette na agua salgada é que nasceram esses primeiros amores; sitio que ficou celebre na tradição poetica portugueza, porque d'esta mesma designação se servem Diogo Bernardes e Antonio Ferreira. Diz Bernardes, falando de uns amores refalsados, na Carta XIV :

Em fim, que té chegar *lá onde o Tejo*
Em aguas de Neptuno se mistura,
Nem descancara o pé, nem o desejo.

E' natural que Bernardes já não encontrasse n'esses sitios Christovam Falcão, mas devia conhecer a fórma da ecloga *Crisfal*. Em Ferreira tambem encontramos os seus amores localisados na mesma paragem :

Tejo, triumphador do claro Oriente,
.....
E antes que ao mar pagues seu tributo,
À dextra mão da tua praia, um monte
Com graciosa soberba se alevanta,
Ali fiquei ao meu amor sujeito,
Ali as tuas aguas parte, etc. (1)

(1) Barbosa, *ib.* — *Obras*, p. 1, str. 1 e 2.

(2) *Crisfal*, *ibid.*

(1) *Poemas Lusitanos*, Part. I, Sonet. 43.

O tempo em que Christovam Falcão começou a amar, acha-se indicado na segunda decima :

*Sendo de pouca idade,
Não se vêr tanto sentiam...*

*E com quanto era Maria
pequena...*

Barbosa, levado pelas memorias manuscriptas de que se pôde servir, diz que era «D. Maria Brandão tão illustre por nascimento, como celebre pela formosura...» É certo que se encontra no *Cancioneiro* de Resende o nome de dois fidalgos, distinctissimos poetas, Diogo Brandão e Fernão Brandão, e accresce a circumstancia de existirem do primeiro umas Coplas em que descreve uma visão amorosa, que tem uma certa analogia de sentimento e colorido com o *Crisfal*. É crível que esses dois trovadores fossem parentes de D. Maria Brandão. Estes primeiros amores foram escondidos e timidos, como na edade da candura; Christovam Falcão não era rico, e foi essa a causa da sua desgraça; os parentes de D. Maria sabendo d'essa loucura e arrebatamento infantil, oppuzeram-se a que continuasse:

maior bem para maior dor
em fim se houve de saber:
Por Joana outra pastora
que a Crisfal queria bem; etc.

A qual logo aquelle dia
que soube de seus amores,
aos parentes de Maria
fez eertos e sabedores
de tudo quanto sabia;
*Crisfal não era então
dos bens do mundo abastado, etc.*

Foi por isso que os parentes de Dona Maria Brandão:

Emqueriram o que teria,
e do amor não euraram.

Como não era conveniente aos interesses de familia este enlace precóce, D. Maria Brandão foi levada d'aquelle sitio, e pelos versos em que Christovam Falcão descreve o seu soffrimento, se vê que Barbosa dizia verdade, quando affirmára que D. Maria

Brandão foi «recolhida no Convento Cisterciense de Lorvão.»
Diz o poeta:

Emtam descontentes d'isso
levaram-na a longes terras,
*esconderam-na entre umas serras
onde o sol não era visto.*

No segundo verso que citamos, está uma phrase empregada por Bernardim Ribeiro ao abrir o primeiro capitulo da *Menina e Moça*; é muito natural que ambos os poetas confidenciassem sobre os seus pezares. Em outros versos allude Christovam Falcão ao sitio em que esconderam a sua Maria, que coincide com o convento de Lorvão, *entre serras, onde o sol não era visto*:

Chorando a lembrança d'ella,
virada foi minha face
para onde o guado pasce
da grande Serra da Estrella,
da qual o Zézere nascee.

Indo com não menos door
em que já com mais socgo
os ventos me foram pôr,
depois de passar o Mondego
sobre as serras de Lor.

O poeta descreve o sonho em que é levado pelos ares, ao sitio aonde se acha a sua Maria; ella apparece-lhe como a Beatriz do Dante, vindo ao seu encontro cantando. Que admiravel ingenuidade com que a descreve vestida de freira:

Muito a vi eu mudada,
mas comtudo conheci,
ser a minha desejada
a quem assim vindo vi,
a vista no chão pregada.
Com o seu cantar penoso
e passadas esquecidas
ao soom d'elle medidas,
*vestida a vi de arenoso,
as mãos nas mangas metidas.*

Huma coifa não lavrada
antes sem nenhum lavor...

Na segunda parte do *Crisfal* declara-se mais explicitamente a entrada para o convento:

Trocou-me o bem que esperava
em cruel encerramento;

*meteu-se em certo Convento,
e a mim, que ao vento gritava
deixou-me gritar ao vento. (p. 37)*

A vista pregada no chão, indica o ar monachal; vestida de arenoso, ou da côr amarellada dos habitos de lã branca da Ordem de Cister, com as mãos nêttidas nas mangas, tudo pinta a triste sorte e a clausura de Maria. Com que mágoa ella lhe fala:

Por ti vim eu desterrada
a estas extranhas terras
de donde eu fui criada,
e por ti entre estas serras
em vida sou sepultada :
Onde a se me perderem
a frol dos annos se vam,
ora julga se é razam,
das minhas lagrimas serem
menos d'aquestas que sam?

N'este colloquio mais sonhado do que real, o joven poeta descreve a ultima vez que falou com a sua amada:

Quando contigo faley
aquella ultima vez,
o ehoros que entam chorei
que o teu ehorar me fez
nunca o eu esquecerey.
Foi esta a vez derradeira
mas comêço da paixam,
passando-me eu entam
para o Casal da Figueira
do val de Pantaliam.

A poesia sáe-lhe a jorros da alma; o sentimento fal-o passar incólume pelos defeitos do genero buccolico; mas deixemos essas estrophes, para procurarar sómente aquellas em que allude a factos que se deram. Depois de D. Maria ser levada para o convento de Lorvão, escondida entre as serras de Lor, Christovam Falcão esteve durante cinco annos prêso em carcere privado. Quando elle começa a descrever o apartamento de D. Maria, accrescenta:

Além da dôr principal,
pera mór pena lhe dar,
puzeram-no em logar
ináu para dizer seu mal,
mas bom para o chorar.

Na epigrapha da Carta (p. 15), vem mais explicito este facto,

publicado pelo editor de 1559: «*Do mesmo, estando preso, que mandou a uma Senhora com quem era casado a furto contra vontade de seus parentes d'ella, os quaes a queriam casar com outrem, sobre que fez (segundo parece) a passada Ecloga.*» N'esta Carta diz o poeta:

Mal cuja dôr se não erê
de *prisão* e de *ausencia*!
pois sem peccar penitencia
faço detraz de uma grade;
meus olhos de escuridade
nam vêem, já sam mortaes;
mas para que era ver mais
dêsque vos elles mais viram,
dêsque de vós se espediram?
Bem se euxerga de meus danos
que estou preso ha cinco annos,
afóra os que heide estar, etc.

Por este verso em que allude aos *cinco annos* de prisão, poderemos fixar o tempo em que foram os seus amores e esta separação. Se nos lembrarmos que Crisfal viu a sua Maria vestida de *côr de arenoso*, ou do habito amarellado da Ordem cistereieense, comprehende-se a Cantiga, que começa:

Senhora, n'esse *amarello*
que trazeis, me certefiea,
que he vosso só o trazel-o,
e meu o que senefiea, etc.

Assi foi que a minha dor
mostrou em vós o sinal,
porque ao menos na côr
vos lembrareis do meu mal, etc.

Segundo a edição de 1559 esta eantiga pertenee a Christovam Faleão; porém no *Cancioneiro* de Resende (1) vem attribuída a Bernardim Ribeiro, com a epigraphe: *A uma senhora que se vestiu de amarello*, trazendo apenas esta variante:

Té aqui me pud'enganar;
mas agora que podeis
trazer a côr do pezar
pera mim só a trazeis.

Ora o *amarello* só podia ser côr de pezar no caso de represen-

(1) Fl. 211.

tar a cúgula cisterciense; e em vista dos factos sabidos, só estava no caso de escrever esta cantiga Christovam Falcão, e não Bernardim Ribeiro pelo que se sabe da sua vida. D'aqui se vê que sendo o *Cancioneiro* publicado em 1516, seria n'este tempo que D. Maria Brandão foi recolhida por seus paes no Convento de Lorvão, indução que nos leva quasi a fixar a data do nascimento de Christovam Falcão entre 1500 e 1502. Mas como é importantissimo este ponto, reforçemol-o com um novo argumento.

Na Carta acima citada, diz Christovam Falcão que estava preso havia já *cinco annos*; contados sobre 1516, vem a dar 1521, justamente o tempo em que se passa o grande facto historico do casamento clandestino de D. Guiomar Coutinho e do Marquez de Torres Novas, a que allude o *Crisfal*, rebentando o escandalo na côrte em 1521. Esta descoberta pertence a Manoel de Faria e Sousa, e por isso não desconfiamos da interpretação. Na *Ecloga Crisfal*, se lê esta negra historia:

Em um valle desecontente
estaar Natonio vi,
d'estes assaz differente,
que casi nam conheci
sendo meu bem conhecente, etc.

Chorando lagrimas mil
estava comsigo só
ao modo pastoril,
de dó bem para haver dó
tinto o habito vil. etc.

Quizera-o eu consolar,
mas em cujo poder hia,
nom me deu a mais logar,
que ouvir-lhe, que dizia:
— *Oh Guiomar! Guiomar!*
Em vós puz minha esperança
e quanto ella encobre,
agora em dôr se descobre,
perigos, desconfiança
fizeram do rico pobre. (p. 5.)

O logar aonde Christovam Falcão gosou os primeiros amores, entre Cintra a mui prezada e serra de Ribatejo, que Arrabida é chamada, foi para onde o Marquez de Torres Novas havia sido desterrado da côrte depois da queixa do conde de Marialva.

Commentando este verso de Camões:

Sobre os montes da *Arrabida* viçosos

diz Faria e Sousa: «Casi que esto solo puede ser prueba, de que sin duda el Duque es quien aqui habla con D. Guiomar, por ser cierto, que estos montes llamados Sierra de la Arrabida, estan eminentes a la Villa de Setubal, y a la de Azeitán, donde el Duque haze su principal habitacion: y a esta vivienda sin duda se iria, quando por el pleito con D. Guiomar contra el Infante lo desterraron de la Corte.» (1)

Era n'este sitio que o marquez tinha as suas principaes herdades, e é por isso que Christovam Falcão, diz de Natonio, «*sendo meu bem conhecente.*» Faria e Sousa recolheu nos *Commentarios ás Rimas* de Camões alguns fragmentos de uma poesia feita pelo Marquez de Torres Novas, e por esses fragmentos se vê que pertencia á eschola velha; é por isso que Christovam Falcão se refere «*ao modo pastoril.*» (2) O *habito vil*, refere-se á condemnação dos tribunaes canonicos e civis que sobre elle caíra por declarar o seu casamento clandestino com D. Guiomar Coutinho, promettida ao principe D. Fernando, irmão de D. João III. O verso: «*Oh Guiomar! Guiomar!*» confirma o asserto de Fa-

(1) *Comm. ás Rimas*, p. 336, ecl. VIII.

(2) Em um manuseripto da *Ecloga VI* de Camões, encontrou Manoel de Faria e Sousa uns versos em arte menor, que pertencem ao Marquez de Torres Novas, e são *ao modo pastoril*:

Alma mia, no te veo,
Ni me veo a mi, ni sigo;
Allá estoy siempre contigo,
Que no consente el deseo
Estar yo sin ti conmigo.

No puedo conmigo hallar-me,
Porque me hallo sin ti:
En ti me voy a buscar-me,
Mas por de ti no mudar-me
No me buelvo más a mi.

Porque despues que el deseo
Me llevó de mi contigo,
A ti sola sin mi sigo:
Que pues contigo me veo
No quiero ver-me conmigo.

ria e Sousa. Christovam Falcão estava em caso quasi identico, e por isso se lembrava ao queixar-se da desgraça do seu amigo:

Deos lhe dê contentamento
pois que nos faz a ventura
companheiros na tristura,
em que seu e meu tormento
cada vez tem menos cura.

Faria e Sousa tambem relata este successo; Christovam Falcão refere-se a elle:

Já as serranas ao abrigo
se hiam, os prados deixando;
uma dizia: *Ay Rodrigo!*
outra dizia: *Ay Fernando.*

Fernando, era o principe Dom Fernando, que veio a casar com D. Guiomar Coutinho; a outra pastora, era a antiga confidente de D. Maria Brandão, chamada *Elena* (p. 7), mas o seu nome historico é D. Maria Manoel, dama da rainha, menina de dezciscis annos, pretendida pelo velho Duque D. Jorge. A referencia aos amores do velho com Elena, liga-se tambem com o successo do Conde de Marialva, e do Marquez de Torres Novas. O namorado de D. Guiomar Coutinho acabára de soffrer o golpe de ser desprezado por aquella que o desposára clandestinamente; por outro lado seu pac D. Jorge, filho bastardo de D. João II, que chegou ainda aos principios do reinado de D. João III, tendo já setenta annos, queria casar com a formosa D. Maria Manoel, dama da rainha, que então contava dezciscis annos. Isto causou grande admiração na côrte, e provocou muito riso, o que talvez originou a cantiga do *Velho malo*. O Duque morreu por causa do desgosto de não o deixarem casar com a menina. (1) Esta pastora vem a queixar-se, e diz:

Troquei amor per riqueza,
porque m'ó trocar fizeram...
Meu esposo aborreço
quando me á lembrança vem
do primeiro querer bem, etc.

O magoado Crisfal, ouvindo-lhe falar na sua Maria, vae vêr quem é a pastora,

(1) *Comm. ás Rimas*, p. 278, ecl. vi.

E entam, que era Elena
 minha amiga conheci.
 Esta dama, e pastora
 certo que melhor lhe ía,
 quando a cantar ouvia
 dando fée que em sua cama
 o velho não dormiria.

Não póde haver allusão mais directa aos loucos amores do velho e rico Duque Dom Jorge de Lencastre. Quando Camões escreveu a comedia de *El-rei Seleuco*, ainda se cantava este romance com que Elena chasqueava as pretensões do velho argentario. Lê-se no auto de *El-rei Seleuco*:

Ouviste vós cantar já
 Velho malo em minha cama? (1)

Adiante provaremos como Camões teve conhecimento da ecloga *Crisfal*, «tam nomeada» porque se lia n'ella todas as referencias aos escandalos do seculo XVI.

Commentando a ecloga VIII de Camões, Faria e Sousa diz a respeito dos versos:

Anda no romper d'alva a nevoa eega,
 Sobre os montes da Arrabida viçosa, (2)

que se referem ao Marquez de Torres Novas, Duque de Aveiro, que fôra para alí desterrado por causa de seus amores com D. Guiomar Coutinho, promettida do Infante D. Fernando: «Este successo del Duque con D. Guiomar, parece fue assunto de los poetas de aquel tiempo. Christovam Falcão, que entonces florecia entra en su *Crisfal* d'esta suerte:

Entre Cintra a mui prezada...
 Houve um Pastor e Pastora, ete...

«En este principio trata de los amores de Crisfal con Maria, que le fue usurpada, porque sus parientes la quisieran casar con otro pastor mas rico; y luego adelante introduze otro, llamado *Natonio*, quexando-se de *Guiomar*, por lo mismo, como consta d'estes trozos...» Ora a perseguição que Sá de Miranda soffreu por causa de uma Ecloga, que D. Gonçalo Coutinho

(1) *Floresta de Romances*, p. xxx.

(2) *Comm. ás Rimas*, t. IV, p. 336.

julgava ser a *Alexo* e nós a *Andrés*, (1), em que se referia este eseandalo, póde ser que fosse devida á Ecloga *Crisfal*, que correu muitos annos anonyma, porque Christovam Falcão se acobertara com o nome poetico, e porque mesmo quando pela primeira vez foi publicada trazia esta rubrica inicial: «*Uma mui nomeada e agradavel Ecloga chamada Chrisfal, que diz:*

Antre Sintra a mui presada

que dizem ser de Christovam Falcão, ho que parece alludir o nome da mesma ecloga.» É este o titulo da edição de 1559, que acompanha a *Menina e Moça*. D'aqui se conhece que houve tempo, o que vae de 1521 a 1559, que o *Crisfal* se tornou nomeado, e anonymo; a perseguição de Sá de Miranda, e a revelação de Faria e Sousa ácerca das poesias do seculo XVI que se referem á desgraça do Marquez de Torres Novas, tornam criveis os factos que temos descripto.

Mas até aqui tem-se deixado murchar a frol dos annos da linda Maria no Mosteiro de Lorvão; agora vae principiar a phase mais dolorosa e a da agonia irremediavel do seu *Crisfal*. Os parentes de D. Maria Brandão queriam-na casar com outro; para a dissuadirem da sua paixão, diziam-lhe que Christovam Falcão a amava pela sua riqueza:

Que me dam certa eerteza
porque fazem eonheer-me
(o que eu hei por gram erueza)
o amor que mostras ter-me
ser só por minha riqueza.

✠ Não ha eloquencia do coração mais profunda e verdadeira do que as palavras com que *Crisfal* responde a este golpe:

Quando vos dei a vontade
inda vos ereis menina
e eu de pouea idade...

✠ Seguem-se queixas com um accento tão dorido, que a imaginação não podia descobrir, se ellas não fossem na realidade sentidas. Maria é ferida por ellas:

(1) *Historia dos Quinhentistas*, cap. iv, p. 74.

E dizendo: Oh mesquinha,
 Como pude ser tão crua?
 bem abraçado me tinha
 a minha bocca na sua,
 e a sua faee na minha:
 Lagrimas tinha choradas,
 que com a bocca gostei,
 mas com quanto certo sey,
 que as lagrimas são salgadas
 aquellas doces achei!

★ Bello! O amor é como a criança, quanto mais ameigado, mais se dóe; Crisfal debulhava-se em lagrimas n'este extasis repentino:

Entam ella assi chorosa
 de tão choroso me vêr,
 já para me soecorrer
 com uma voz piadosa
 começou assi a dizer:

— Amor da minha vontade,
 Ora não mais, Crisfal manso;
 bem sei tua lealdade,
 ay que grande descanço
 he falar com a verdade...

D. Maria chegara a declarar a seus paes em como era casada clandestinamente; n'este tempo os vinculos da familia estavam nas mãos dos canonistas; os escrupulos de consciencia suscitados pelos directores espirituaes podiam mais do que todos os deveres. D'elles se serviram os parentes de D. Maria, para a resolverem a casar-se, dizendo-lhe que não valia o consentimento que déra, por ser em idade em que não tinha rasão:

Isto e mais se me diz
 erê que te falo verdade;
 que não tinha liberdade
 para fazer o que fiz
 sendo de pouea ydade.

Em um antigo romance popular encontra-se um verso que apparece no *Crisfal*; mas no romance descreve-se a situação de uma menina metida á força em um convento, tal como se sabe de D. Maria. E' no romance da *Freira arrependida*, que vem o verso:

Deus lhe dê contentamento, (1)

(1) *Romanceiro geral*, n.º 61, p. 162; *Crisfal*, p. 5.

que nos leva a crêr que a tradição dos amores de Crisfal chegasse a ser popular.

D. Maria Brandão pôde conseguir a liberdade da clausura, acceitando as propostas de sua familia, desposando-se com o marido que lhe impuzeram, na cidade de Elvas. Este facto que traz Barbosa Machado, fundamenta-se com esta passagem da Ecloga:

Entre Tejo e Odiana
era o meu caminhar,
d'onde poderei eontar,
se o que notei não me engana
cousas bem para notar.

Na segunda parte do *Crisfal*, fala-se no casamento de D. Maria:

E depois que me ehegou
a perder vida e sentido,
escolheu outro marido,
que n'ella o premio gosou
de meu amor merecido. (p. 37)

Na edição de 1721, em vez de *Odiana* vem *Guadiana*: ora entre o Tejo e o Guadiana está a cidade de Elvas. O casamento de D. Maria verificou-se desgraçadamente; Christovam Falcão, lembrado do romance da *Bella mal maridada*, diz em uma das suas Cantigas:

Casada sem piedade
vosso amor me hade matar (p. 20)

Se vos eu vira casada
com quem vos bem conheera,
já em vos vêr deseçada,
algum deseação tivera;
mas o vosso máo casar
dobra minha saudade,
casada sem piedade
vosso amor me hade matar.

Para sempre vos casastes,
para sempre o sentirei,
e pois no casar errastes,
dae-me parte do que errei;
não vos engane o casar
pois não tolhe a liberdade,
casada sem piedade
vosso amor me hade matar.

D. Maria não foi feliz com este casamento de conveniencia; em uma Esparsa se lê:

mas ver-vos mal empregada,
triste de vós e de mi,
de vós por serdes casada,
e de mim por que vos vi.

A historia d'estes amores chegou a impressionar o publico; Christovam Falcão é o primeiro que o conhece, e mais amára o olvido do que todas as consolações:

Em deseonto do meu mal
nam queria maior beni
que não m'o saber ninguem (p. 22)

Christovam Falcão foi viver para Evora, sendo honrado com uma Commenda da Ordem de Christo e com a Capitania da ilha da Madeira, como diz Barbosa. A Commenda de Christo seria no Arcebispado de Evora, e fôra por isso que alí fixára a sua residencia. Descoberta a época aproximada do seu nascimento entre 1500 e 1502, isto confirma a descoberta feita no Archivo da Misericordia de Evora pelo snr. Telles de Mattos, que em 1867 encontrou nos Livros dos Assentos da Casa da Misericordia a nota de que Christovam Falcão morrêra a 24 de maio de 1550. Tendo Diogo do Couto partido para a India em 1559, e lembrando-se lá da Ecloga *Crisfal*, diz: «*aquellas antigas e nomeadas trovas*»; isto indica ter-se passado já bastante tempo sobre a morte do poeta; a primeira edição de 1559 tambem é uma prova da publicidade que só se podia dar depois de fallecido o auctor, em virtude das muitas allusões que continha a Ecloga.

Durante a vida de Christovam Falcão correram muitas copias manuscriptas do *Crisfal*; Camões, conheceu-o e imitou d'elle bastantes versos. Tendo o grande épico partido para a India em 1553, e voltando a Portugal em 1570, durante o seu longo desterro é que escreveu a maior e mais importante parte dos seus poemas; imitando n'elles o *Crisfal*, é porque o conhecêra na India. Eis uns versos que imitou no episodio do Adamastor:

Que não sei como o conte
mui quieto e mui quedo,
por ser entre monte e monte, etc.

Faria e Sousa traz muitos paradigmas das imitações feitas por Camões do *Crisfal*; commentando o Soneto xvii, traz como simile do verso:

D'este passado bem que nunca fôra

os versos de Christovam Falcão:

Este bem que nunca fora,
pois foi o que não cuidaram. (1)

Commentando o Soneto xli, da primeira centuria, no verso:

Quantas vezes o fuso se esquecia

traz Faria e Sousa este símile do *Crisfal*:

Em uma roca fiando,
Porém cahia-lhe o fuso
dos dedos de quando em quando. (2)

Em outro logar fazendo a lista dos amantes celebres, Faria e Sousa lembra-se tambem de Christovam Falcão. (3) Pedro José da Fonseca, na exigua noticia d'este poeta, no Diccionario da Academia, (4) diz que florescera no reinado de D. João iii; pelas nossas investigações vemos que é assim, porque o *Crisfal*, alludindo ao marquez de Torres Novas e a D. Guiomar Coutinho, só podia ser composto depois de 1521, quando este rei começou a reinar. A influencia dos cantos castelhanos, que se deu nos ultimos annos do reinado de D. Manoel, tambem se conhece em Christovam Falcão, quando cita o canto de *ledino*, que começa:

Yo me yva, la mi madre,
a Santa Maria del Pino.

Christovam Falcão nos seus ultimos annos abandonou a poesia, e como fidalgo entretinha-se na caça; Barbosa Machado cita um seu manuscripto intitulado: *Da criação e cura que se deve fazer aos Falcões e Gaviões*. Entre 1550 e 1553, isto é entre a sua morte e a partida de Camões para a India, é que se deve

(1) *Comm. ás Rimas*, t. i, p. 52, col 2.

(2) *Ob. cit.*, t. i, p. 97, col 2.

(3) *Ibid.*, p. 193.

(4) *Ibid.*, p. cx.

collocar a primeira edição *sem data* da Ecloga *Crisfal*, que tem o titulo: *Trovas de Crisfal*, em 4.º gothico, com duas figuras em madeira, com 16 paginas não numeradas; existe um exemplar na Bibliotheca de Lisboa, na collecção das Miscellaneas, n.º 2147. N'esta edição faltam as *Cantigas, Esparsas e Sextinas* de Christovam Falcão, porque estas não andavam nos cadernos manuscriptos. Diogo do Couto, que partiu para a India em 1559, citando «aquellas antigas e nomeadas *Trovas de Crisfal*» mostra pela egualdade do titulo que conheceu esta edição volante e sem data.

O motivo da edição de *Crisfal* e das *Cantigas*, publicadas em Colonia por Arnaldo Birckimann em 1559, junto com a *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro, seria o terem-se encontrado reunidas com os papeis d'este poeta, que morreu depois do meado do seculo XVI, sendo mestre da Capella da Cathedral de Toledo, como provaremos em um trabalho especial. Como patricio e amigo de Christovam Falcão, Bernardim teria comsigo essas poesias completas, que mãos extranhas apanharam na occasião da sua morte. Estas poesias eram sympathicas a Bernardim Ribeiro, porque foram sentidas em uma situação identica áquella em que se achava. As rubricas do editor de Colonia, encerram as tradições vagas, que passados nove annos ainda corriam ácerca d'aquelle infeliz namorado. (1)

No anno de 1571, ainda vivia em Salsete um irmão do poeta chamado Danião de Sousa Falcão; n'este anno fez-se em Lisboa uma nova edição de *Crisfal*, reproducção da edição sem data. Pertenceu um exemplar á Livraria de Joaquim Pereira da Costa, que se vendeu segundo consta por 200 reis.

Depois d'este tempo começa-se a imitar o gosto de *Crisfal*; a *Silvia de Lisardo* de Frei Bernardo de Brito, e a *Laura de Anfriso*, de Manoel de Veiga Tagarro, seguem esse espirito com a metrificacção italiana. Essa tendencia explica a formação de uma *Segunda parte* apocrypha de *Crisfal*. Em 1619 publicou o livreiro Antonio Alvares, um folheto em 4.º, de 24 pag., contendo a *Primeira e segunda parte de Crisfal*; a primeira parte

(1) Esta edição foi compulsada em 1793 por Pedro José da Fonseca, que a cita no *Dicc. da Academia*, p. cx; por José Maria da Costa e Silva, que se serviu d'ella, mas sem resultado, para o *Ensaio biographico critico*, t. 1, p. 114; ultimamente o unico exemplar conhecido existe na livraria do snr. José Gomes Monteiro.

era a Ecloga; a segunda a Carta, com uns anteloquios em que apparece a poeta falando da sepultura. Esta edição foi a que se continuou a reproduzir, apparecendo uma de 1639, citada pelo Padre Antonio dos Reis, nas Notas ao *Enthusiasmus poeticus*:

In Monte sedile
Occupat excelsum *Falco* (p. 140)

Ultimamente descobrimos na Bibliotheca do Porto, uma reprodução de 1721. Esta edição não é citada pelo snr. Innocencio. Das outras, diz elle: «Tenho para mim, que ha ainda muitas *edições em separado* da Ecloga de que se trata: porém o certo é que são todas mais ou menos raras, e que até agora não pude haver á mão exemplares de alguma.» (1) A edição que hoje publicamos é completa, e a segunda a contar da edição de Colonia, mas é a *septima* incluindo as impressões em separado. A antiguidade da *Segunda parte*, que vem na edição de 1721, se deprehende de uns versos em que o auctor se dá por contemporaneo de Cristovam Falcão:

Vereis de quem espera, um caso raro
Que vi patente e claro n'esta idade,
E tende por verdade que não minto
Mas como aqui o pinto passou certo.

Apesar de reproduzirmos a edição de 1559, tivemos sempre presente a edição de Lisboa de 1721, impressa na Officina de Bernardo da Costa Carvalho, impressor do Serenissimo Infante, que descobrimos na Bibliotheca do Porto (N—8—74). Esta edição pertence á classe das de *papel pardo*, e tem vinte e quatro paginas não numeradas e em duas columnas; intitula-se *Primeira e segunda parte de Crisfal*, com quatro figuras tristemente gravadas, debaixo d'este titulo. Confrontada esta edição de 1721 com a de Colonia de 1559, vê-se que a de Lisboa tambem foi feita sobre manuscriptos antigos, mas completamente deturpados. A primeira parte do *Crisfal*, é propriamente a Ecloga, que tem este nome, e n'ella abundam as *variantes* e sobre tudo as omissões de estrophes. As variantes ás vezes são notaveis, como por exemplo na edição de Colonia vem este fim de uma estrophe:

a Mengua la del buscal (p. 6)

(1) *Dicc.*, t. II, p. 69.

e na edição de Lisboa, lê-se assim :

manga larga no boeal,

o que não deixa de fazer certo sentido. N'esta edição de 1721, faltam as seguintes estrophes, que começam pelos versos :

Alli os dias passava (p. 2)
 Comtudo olhos de quem (p. 2)
 Todos os contentamentos (p. 2)
 Não devo eu mal querer (p. 3)
 Vendo-me em logar tal (p. 4)

Mas tambem vêm as seguintes estrophes, que faltam na edição de Colonia, e que reproduzimos no logar competente com o signal *, para serem conhecidas e poderem ser recitadas pelos escrupulosos. Eil-as :

* Mas que fosse assim e mais (p. 12)

Na edição de Colonia conhece-se que falta uma ligação entre o sentido da estancia: *Pois se ysto é assi*, e a seguinte: *E dizem que eu moça era*. Tudo se aclara com a estancia reproduzida do exemplar de 1721. No fim da Ecloga vem mais a estrophe que começa :

* Por me isto alembrar (p. 13)

A edição de Lisboa, depois do prologo narrativo, traz a seguinte rubrica: *Fala Crisfal*, e mais adiante a declaração de *Sonho*, e depois a designação de *Cantiga e Voltas*, que tanto aclaram o texto.

Falemos da *Segunda parte das trovas do Sonho de Crisfal*. Esta divisão deve julgar-se apocrypha, porque não se acha na de 1559; é formada da Carta, que segue apoz a Ecloga, e principia com o verso: *Os presos contam os dias*, etc. Tem a particularidade de ser precedida por uma larga composição poetica em que o pastor Lisardo fala com Silvia, segundo o estylo italiano :

Força-me a lei do Amor, oh Silvia ingrata
 Se dizer que me mata um pensamento
 Que como leve vento está fundado.
 Traz-me o gosto mudado e pervertido, etc.

Apoz isto seguem-se varias *voltas*, em que o proprio Crisfal apparece aconselhando os amantes, e tudo isto serve de prologo

á *Carta* de Christovam Falcão. Lembrando-nos que Frei Bernardo de Brito escreveu a *Silvia de Lisardo*, nada mais natural do que esta interpolação de algum copista, motivada pelas referencias a Crisfal. A edição de 1721 termina com o estribilho da primeira cantiga da edição de Colonia; signal, de que era um fragmento manuscripto de uns versos de que se gostava.

Apezar de conhecermos que esta *Segunda parte* é apocrypha, e do principio do seculo xvii, reproduzimos-a em appendice para uso dos eruditos, e assim conhecerem o typo das edições portuguezas. De todo este trabalho paga-nos a satisfação de restituirmos á Litteratura portugueza um dos seus melhores poetas, o amigo de Bernardim Ribeiro, e mestre de Camões, cujos versos são melódicos como o *Pria che spunti in ciel l'aurora*, a ária divina de Cimarosa no *Matrimonio secreto*, que nos faz sentir a melancholia da vida d'este poeta, desastrada como a de Stradella, mas assassinada lentamente.

THEOPHILO BRAGA.

CRISFAL

ECLOGA

AUTOR

Antre Sintra a mui prezada
e serra de Ribatejo
que Arrabeda he ehamada,
perto donde o rio Tejo
se metc n'agoa salgada:
Houve um pastor e pastora
que eõ tanto amor se amaram
como males lhe caussaram
este bem que nunea fôra
pois foi o que nam euidaram.

A ella chamavam Maria
e ao pastor Crisfal,
e ó qual de dia em dia
o bem se tornou em mal
que elle tam mal merecia:
Sendo de pouca ydade
nam se veer tanto sentiam,
que o dia em que nam se viam
se via na sua saudade
o que ambos se queriam.

Algumas horas falavam
andando o gado pasçendo,
e entam se apasçentavam
os olhos, que em se vendo
mais famintos se fieavam:
E comquanto era Maria
pequena, tinha euidado
de guardar melhor que o gado
o que lhe Crisfal dezia,
mas emfim foi mal guardado;

Que depois de assim viver
n'esta vida e n'este amor,
depois de aleançado ter
maior bem para maior dor
em fim se houve de saber:
Por Joana, outra pastora
que a Crisfal queria bem;
mas o bem que de mal vem
não ser bem mayor bem fôra
por nam ser mal a ninguem;

A qual logo aquelle dia
que soube de seus amores,
aos parentes de Maria
fez certos e sabedores
de tudo quanto sabia:
Crisfal não era entam
dos bens do mundo abastado
tanto como do euidado,
que por eurar da paixam
nam eurava de seu gado.

E como em a baixeza
do sangue e pensamento
ha çerta esta çerteza
euidar que o merecimento
estaa só em teer riqueza:
Emqueriram o que teria,
o do amor nam euraram
em que bem se deseontaram
riqueza se falecia
por males que sobejaram.

Entam descontentes d'isto
 levaram-na a longes terras,
 esconderam-na entre umas serras
 honde o sol nam era visto
 e a Crisfal deixaram guerras:
 Alem da dor principal
 pera moor pena lhe dar
 puzeram-no em lugar
 mau para dizer seu mal,
 mas bom pera o chorar.

Alli os dias passava
 em magoas da alma saídas
 dizer a quem longe estava
 e ehorava por perdidas
 as horas que nam chorava:
 Em vale mui solitario
 sombrio e saudoso,
 sendo monte temeroso
 pera o choro necessario
 pera a vida mui danoso.

Dizer o que elle sentia
 em que queira nam me atrevo,
 nem o chorar que fazia,
 nem as palavras que escrevo
 sam as que elle dezia:
 Alli sobre hum a ribeira
 de mui alta penedia,
 donde a agoa d'alto eaya
 dizendo d'esta maneira
 estava a noite e o dia:

« Os tempos mudam ventura
 bem o sei pel-o passar,
 mas por minha gram tristura
 nenhuns puderam mudar
 a minha desaventura:
 Nam mudam tempos nem annos
 a o triste a tristeza,
 antes tenho por certeza
 que o longo uso dos danos
 se converte em natureza.

Coitado de mim, coitado,
 pois meu mal não se amança
 com choro nem com cuidado;
 quem diz que o ehorar deseança
 he de ter poueo ehorado,
 Que quando as lagrimas sam
 por igual da causa d'ellas
 viraa descanzo por ellas,
 mas como deseancarão
 pois que sam mais as querellas.

Comtudo olhos de quem
 nam vive fazendo al
 chora mais que os de ninguem,
 que o que he para maior mal
 tenho jaa para maior bem:
 Lagrimas manso e manso
 prosigam em seu officio
 que nam façam beneficio,
 não servindo de deseanzo
 serviam de sacrificio.

Minhas lagrimas cançadas
 sem descanzo nem folgança,
 a minha triste lembrança
 vos tem tam aviventadas,
 como morta a esperança:
 Correi de toda vontade
 que esta nam faltará,
 mas ysto eomo seraa
 pedil-a-hei á saudade
 e a saudade m'a daraa.

Todos os contentamentos
 da minha vida passaram,
 e emfim nam me ficaram
 senam descontentamentos
 que de mim se contentaram:
 D'estes pelo meu peceado,
 ynda que nunca pequei
 a quem amo e amarei,
 nunea desacompanhado
 me vejo nem verei.

15
Faz-me esta desconfiança
ver meu remedio tardar
e jaa agora esperar
nam ousa minha esperanza
por me mais não magoar:
Se por isto desmereço
dê-se-me a culpa assim
e seja jaa com o fim
que ha muito que me eonheço
aborreeido de mim.

16
Meu eoração vós abristes
eaminho a meus euidados
pera virem a ser banhados
na agoa de meus olhos tristes
tristes mal galardoados:
Neçessario he que vamos
algum remedio busear
para se a vida aeabar,
este o bem que desejamos
este o nosso desejar.

17
Iremos pela estrada
por onde os tristes vam,
porque nella por rezam
deve ser de nos aehada
aehada eonsolaçam:
Sobir-me-hei ao pensamento
que alto de alli verei
verei eu se poderei
ver algum contentamento
de quantos perdidos ey.

18
Mas o que poderaa ver
quem jaa da vista çegou,
porque quem me a mim levou
meu alongado prazer
nenhum bem ver me deixou:
Deixou-me em eseuridade
hum mal sobre outro sobejo,
pelo que triste me vejo
tam longe da liberdade
como do bem que desejo.

19
Verei a vida que em vida
sem vista tanto aborreçe
aborreçe a quem padeçe
tristeza mal mereçida
que minha fee mal mereçe:
Levaram-me toda a gloria
eom quanto bem dessejei
dessejei e aleançei
fieou-me soo a memoria
por door de quanto passei.

20
Lembrança do bem passado
que nam devera passar
esta me ha de matar,
dá-metal door o euidado
qual se nam pode euidar:
Nada se nam for a morte
me daraa contentamento
segundo sei do que sento,
não sento prazer tão forte
que eonforte meu tormento.

21
Não devo eu mal querer
a quem me aqui deixou,
que ouvido não possa seer
jaa me algum bem fieou
que é meu mal poder dizer:
Mas triste nam sei que digo
ysto he fallar a esmo
que assaz me foy enemigo
quem se vingou de mi mesmo
eom me soo deixar eommigo.

22
Que me quiera eonsolar
o meu mal não tem eonforto
nem eu lh'o posso busear,
para o prazer sou morto
e vivo para o pezar:
Quanto mal tam desvairado
e todo para dar fim
tudo me he contrario assim,
deseuido matou meu guado
euidado matou a mim.

23
 Vida de tão longos males
 como nam eanças de ser,
 que eu eanço já de viver
 e o Eeeo d'estes vales
 eança de me responder:
 As ribeiras em eu vel-as
 eorrem mais do que he seu foro
 entrando meu ehorar n'ellas,
 e pois ajudam meu ehôro
 quero soo fallar eom ellas:

24
 Companheiras do meu mal,
 agoas que d'alto eorreis
 onde eais desigual
 parecee que me dizeis:
 porque não ehoras Crisfal?
 Contar-vos quero, amigas,
 o que esta noite sonhei
 eom o qual tal dor me dei
 que minhas muitas fadigas
 em mais fadigas dobrey.

25
 Depois de hontem deixar
 de vos eontar os meus males
 fui-me eaa baixo geitar
 no mais baixo d'estes vales
 entre pezar e pezar:
 Onde depois que a os ventos
 deseobri minhas paixões,
 gastadas muitas razões,
 mudei os meus pensamentos
 em minhas eontemplações.

26
 Contente de deseontente
 a noute sendo ealada,
 como he eerto em quem sente
 nam fieou eousa passada
 que me nam fosse presente.
 Vindo-me a memoria dar
 em quãdo andava com o gado,
 ter eom Maria sonhado
 fez-me o dormir dessejar
 de mim poueo dessejado.

27
 E erendo que aproveitasse
 para meu eontentamento
 se eu eom ella sonhasse,
 deu-me logar meu tormento
 que algum poueo repousasse:
 E como eançado estava
 do que no dia passei,
 a dormir poueo tardei,
 e adormeçido sonhava
 o que vos ora direi:

28
 Sonhava em meu sonhar
 onde dormindo estava,
 alli velando estar,
 quando da parte do mar
 gram vento se alevantava:
 Ho qual eom tal sobresalto
 ehegava onde eu jazia,
 e que da terra m'erguia
 em tanto extremo alto
 que a vista me faleçia.

29
 Vendo-me em logar tal
 baixei os olhos a terra,
 vi eraro dia nam al
 e os valles e a serra
 tudo julguei ser ygual:
 Mas como aborreeido
 tanto da vida andasse
 que meu mal jaa desejasse,
 temor tam poueo temido
 nam ereo eu que se aehasse.

30
 Depois de me ser mostrado
 este perigo da morte
 a terra mais abaixado
 eontra a parte do norte
 sonhava que era levado:
 Entre Tejo e Odiana
 era o meu eaminhar
 d'onde poderei eontar,
 se o que notey nõ me engana
 eousas bem para notar.

31
 Porque vi muitos pastores
 andar guardando seus gados
 vestidos d'alegres côres
 bem fóra de meus cuidados,
 mas nam dos de seus amores:
 Nam querendo mais haveres,
 nem querendo mais riqueza,
 porque amor tudo despreza,
 mas todos os seus prazeres
 foram pera mim tristeza.

32
 Em hum valle descontente
 estaar Natonio vi
 d'estes assaz differente
 que casi nam conheçi
 sendo bem meu conheçente:
 Aqueste he o pastor
 que laa vejo aqui buscar-me
 nam mais que por consolar-me
 e viu com tanta door
 que door me dá o lembrar-me.

33
 Chorando lagrimas mil
 estava eomsgo soo
 ao modo pastoril,
 de doo bem pera haver doo
 tinto o habito vil:
 Em huma frauta tangendo
 ao pee de hum' arvore estava,
 desque da bocca a tirava
 de dentro d'alma gemendo
 em vez de cantar chorava.

34
 Quizera-o eu consolar,
 mas em eujo poder hia
 nom me deu a mais lugar
 que ouvir-lhe que dezia:
 — O' Guiomar, Guiomar!
 Em vós puz minha esperança
 e quanto ella encobre
 agora em dor se descobre,
 perigos, desconfiança
 fizeram do rico pobre. —

35
 Assi por elle passando:
 Natonio, tenhas prazer,
 lhe disse, gram brado dando
 tee o da vista perder
 os olhos n'elle deixando:
 Deos lhe dê contentamento
 pois que nos fez a ventura
 companheiros na tristura
 em que seu e meu tormento
 cada vez tem menos cura.

36
 D'aqui fômos descorrendo
 atee o Tejo passar
 a agoa de quem eu vendo
 me foi dor sobre dor dar
 yndo jaa dor padeçendo:
 Chorando a lembrança d'ella
 virada foi minha faee
 para onde o guado pasçe
 da grande Serra da Estrella
 da qual o Zézere nasce.

37
 Posto no seu alto eume
 deixaram-me alli estar,
 e meu coraçam presume
 que foi por me magoar,
 como tinham por costume:
 D'alli os pães semeados
 ver a meus ollios deixaram
 que por nam grados julgarom,
 mas posto que foram grados
 eu sei que nam me agradarom.

38
 Já o sol se encobria
 a este tempo e mais
 ficando a terra sombria
 e o gado aos currais
 jaa entam se recolhia:
 Ouvi cães longe ladrar
 e os chocalhos do guado
 com um tom tam concertado
 que me fizeram lembrar
 de quanto tinha passado.

39
 Por mais minhas queixas vãs
 vi berrar o guado moucho
 euberto das finas lãas,
 e assoviar o môcho
 eom o triste cantar das rãas:
 Jaa as serranas ao abrigo
 se hiam: os prados deixando
 as mais d'ellas suspirando
 huma dizia: ay Rodrigo,
 outra dizia: ay Fernando.

40
 Huma eiumes temia,
 outra de si tem receo,
 huma ouvi que dizia:
 Quam azinha a noute veo!
 outra: Jaa tarda o dia!
 E por este experimento
 foi amor de mim julgado
 por nom menos oocupado
 do que o pensamento
 que nunea está deseañado.

41
 Antre estas soo saudosa
 vi antre duas ribeiras
 huma serrana queixosa
 çereando umas cordeiras
 sendo eordeira fermosa:
 Como alli teem por uso,
 em huma roca fiando
 mas como que hia euidando
 eahia-se-lhe o fuso
 da mão de quando em quando.

42
 Tendo parecer divino
 para que melhor lhe quadre,
 eantou eanto de ledino
*Yo me yva la mi madre
 a Santa Maria del pino:*
 Ho vestido lhe oulhei
 e vi que era um brial
 de seda e nam de sayal,
 a qual eu afigurei
 a Mengua la del buseal.

43
 Depois de aeabar seu eanto
 dezia:—Ninguem me erea
 por me veer alegre tanto,
 visto-me á vontade alhea
 e o meu eantar he pranto:
 Anda a door desimulada
 mas ella daraa seu fruto,
 a minha alma traz o luito;
 de poueo sam esposada
 mas deseontente de muito.

44
 Troquei amor por riqueza
 porque m'ó trocar fizerom
 mas bem pago esta erueza
 que em que çem eontos me derom
 deseontaram-se em tristeza:
 Meu esposo aborreço
 quando me á lembrança vem
 do primeiro querer bem,
 ninguem venda amor por preço
 pois elle preço nam tem.

45
 Não tenho que lhe fallar
 se nam sam eousas passadas,
 se lhe estas quero eantar
 vam ser todas namoradas
 pera o poueo namorar:
 Fôra elle o meu amor
 e vivera eu pobrememente,
 que grande engano de gente,
 que pobreza he hi maior
 que a vida deseontente.

46
 Quando eom elle me assento
 mil vezes eayo em mingoa
 porque por esqueçimento
 falando deseobre a lingoa
 o que estaa no pensamento:
 Faz-nos ysto entam fhear
 eu muda, elle mudado,
 ama-me eomo he amado,
 pera me d'isto guardar
 por bom ey guardar o gado.

Maria perdi, mesquinha,
logo em sermos apartadas,
do meu mal fui adevinha,
melhor sejam suas fadas
do que foi a fada minha:
Deos a dê ao seu Crisfal
por ambos contentes seer
e mais nam lhe quero veer,
mas jaa sei pelo meu mal
o bem d'outrem esolher. =

48
Quando a eu assi ouvi
doer-se da minha pena
com novos olhos a vi,
e entam que era Elena
minha amiga eonheei:
Esta pastora e dama
certo que melhor lhe hia
quando a eantar ouvia
dando fee que *em sua cama*
o velho nam dormia.

49
Pena me deu de não crer
vel-a em tal tristeza posta,
quizera-lhe eu responder
mas trespoz uma tresposta
pelo qual não pode ser:
Depois de ver-me sem ella
os meus olhos me ehoraram
quantas eousas me lembraram
que antre mim, Maria e ella
em outro tempo passaram.

Desde aqui com meu euidado
me estive fazendo guerra,
sendo dia jaa passado
vi-me levado da terra
contra as nuvens alçado:
Entam como que voante,
de quem me alli trouxera
sonhei que levado era
contra onde á tarde ante
o sol vi que se puzera.

Indo nam com menos door
em que jaa com mais soeego
os ventos me foram poor
depois de passar o Mõdego
sobre as serras de Lor:
Vam alli grandes montanhas
de alguns vales abertas
todas de soutos eobertas
aos naturaes extranhas
mas á saudade çertas.

52
Junto de uma fonte era
o lugar onde fui posto
onde sel-o nam quizera,
sendo bem lugar de gosto
para quem gosto tivera:
Mas a mim nem o passado
nem o que me era presente
nada me nam fez contente
que n'isto o magoado
he como o muito doente.

53
Cuberta era a fonte
de tam freseo arvoredado,
que nam sei como o eonte,
mui quieto e mui quedo
por ser antre monte e monte;
A noite de ventos muda
como saudade esolha
e porque mais prazer colha,
chovia agoa miuda
por çima da verde folha.

54
Depois que alli chegava
ou depois que alli cheguei,
sonhava que aeordava
e do que atraz passei
de ser sonho me lembrava:
O que entam me era mostrado
tendo soo por verdadeiro,
ao pee de hum easthanheiro
me puz triste assentado
ouvindo o som de hum ribeiro.

5-5
 Meus olhos e eu passámos
 alli a' noute em clamores
 atec que ao tempo chegámos
 a que nós outros pastores
 o dilúculo chamamos:
 Naqueste tempo corrompe
 a ave que chamam leal
 o silencio do seu mal,
 que he quando a lua rompe,
 e o dia faz final.

5-6
 Entam porque tudo fale
 contando as mais paixões
 que rezam he que nam cale,
 ouvi gritar huns pavões
 jaa no mais baixo do vale:
 Traz isto, pouco tardando
 hum doce cantar ouvia
 que na minha alma cahia
 o qual eu bem escutando
 entendi que assi dizia:

CANTIGA

5-2
 «Não sei para que vos quero,
 pois me d'olhos nam servis,
 olhos a quem eu tanto quiz.

VOLTAS

5-8
 Pera ver me fostes dados,
 vos soo a chorar vos déstes,
 e se eu tenho cuidados
 meus olhos vos m'os fizestes:
 Desde n'elles me puzestes
 de descanso me fugis
 olhos a quem eu tanto quiz.

5-9
 Meus olhos por muitas vias
 uzais commigo cruezas
 tomais as minhas tristezas
 pera vossas alegrias:
 Entram noites, entram dias
 olhos nunca me dormis
 olhos a quem eu tanto quiz.

60
 Quando vós primeiro vistes,
 que não era bom sabieis,
 mas por gosar do que vieis
 em meu dano consentistes:
 agora m'ó descobrís,
 olhos a quem eu tanto quiz.

61
 Ando-vos a vos buscando
 cousas que vos dem prazer,
 e vos quanto podieis ver
 tristezas me andais tornando:
 Agora vou-vos cantando,
 vos a mim chorando me his
 olhos a quem eu tanto quiz.»

62
 Quem o que diguo cantava
 desde o cantado teve,
 nam sei o que o causava,
 mas espaço se deteve
 assim como que cuidava:
 Depois de cuidado ter
 a voz de novo alçou
 este cantar começou
 o qual devia de ser
 aquillo em que cuidou:

CANTIGA

63
 «Como dormirão meus olhos
 nam sei como dormirão,
 pois que vela o coração.

VOLTAS

04
Toda esta noite passada
que eu passei em o sentir
nunca a pude dormir
de ser muito acordada:
Dos meus olhos foi velada,
mas como nam velarão
pois que vela o eoraçam.

05
As horas d'ella euidei,
dormil-as: foram veladas
pois tão bem as empreguei,
dou-as por bem empregadas
todas as noutes passadas
n'cste pensamento vam,
pois que vela o coraçam.

06
Passaros que namorados
pareçeis no que eantais,
nam ameis que se amais
de vós sereis desamados:
Em meus olhos agravados
vereis se tenho rezam,
pois que vela o eoraçam.»

07
Como a cantiga mostrava,
feminil a meu cuidar
era a voz de quem eantava
que por mais de bem cantar
em ouvir me eontentava:
Porque de quem ser podia
entam suspeita me deu
que todo o eantar seu
era o da minha Maria
ou o do desejo meu.

08
Com um temeroso prazer
que sóe teer quem recea
dessejava eu de ver
a quem eu ainda veja
antes da vida perder:
N'este desejo, de sima
estando-a eu ouvindo,
a Deus ser ella pedindo
vi-a vir o vale aeima
em seu cantar proseguindo.

09
Muito a vi eu mudada
mas comtudo eonheçi
ser a minha dessejada
a quem assi vindo vi
a vista no cham pregada.
Com o seu eantar penoso
e passadas esquecidas
ao soom delle medidas
vestida a vi de arenoso,
as mãos nas mangas metidas.

20
Hũa eoifa nam lavrada
antes sem nenhum lavor
e em çima por mais door
huma talhinha pedrada
ou hum pedrado a tenor:
Quizera-a ir reeber
vendo-a ante mim presente,
mas nam pude de eontente
que yndo para me erguer
de prazer me achei doente.

21
Vendo entam que me forçava
o prazer fazer demora
olhci o que mais passava,
e via que aquella hora
eommigo emparelhava;
Dando huns mui doces brados
saídos do eoraçam
a eantiga vinha entam:
*Em meus olhos agravados
vereis se tenho rezam.*

72
 Ao que eu responder
 me lembra: sam agravados:
 podem logo os meus dizer
 que sam bem aventurados
 pois que vos poderam ver:
 Como ella em me ouvir
 gram sobresalto sentisse
 quiz fugir; mas quem lhe disse
 que se puzesse em fugir
 lhe fez eom que nam fugisse.

73
 Nas mulheres o temor
 tanto o poder impede
 quanto o medo mayor for,
 e contra donde proçede
 os olhos eostumam pôr:
 E ella fazendo assim
 vendo-me fieou mudada,
 depois jaa em si tornada
 se chegou mais para mim
 a ser bem çertificada.

74
 Depois de me visto ter
 e jaa que me eonheeia,
 lagrimas lhe vi correr
 dos olhos que nam movia
 de mim sem nada dizer.
 Eu lhe disse: meu dessejo
 vendo-a tal eom assaz dor
 dessejo do meu amor
 crerei eu ao que vejo
 ou ererei ao meu temor.

75
 A ysto bem sem prazer
 me tornou entam assim
 com voz de poueo poder:
 Crisfal, que vês tu em mim
 que nam seja pera erêr?
 Eu lhe respondi: perder-vos
 de vos ver por tanto anno
 faz-me assim temer meu dano,
 que vejo meus olhos ver-vos
 e temo que me engano.

76
 — Pois erê çerto que esta sam,
 (deu a ysto por resposta
 ainda que alegre nam)
 e quem em tal dor he posta
 o que d'ella nam ererão?
 Bem he de erer meu ehoró
 a que tu eausa me déste,
 nam t'espante o que fizeste
 que quem me pôz n'este fôro
 tu es o que o puzeste.

77
 Por ti vim eu desterrada
 a estas extranhas terras
 de d'onde eu fui eriada
 e por ti antre estas serras
 em vida sam sepultada:
 Onde a se me perderem
 a frol dos annos se vam,
 ora julga se he rezam
 das minhas lagrimas serem
 menos d'aquestas que sam.—

78
 Despoys que ysto falou
 eomo quem em si espreita
 as mãos ambas ajuntou
 e póstas na faee direita
 dizer assi começou:
 — Sobre o muito que perdi
 nenhuma eousa duvido
 em ter o saber perdido,
 pois tam mal me defendi
 do que me era defendido.—

79
 Eu lhe perguntei á hora
 mui triste de assi a ver:
 Quem teve tanto poder
 que tenha poder, senhora,
 de nada vos defender?
 Respondeu por antre dentes
 eomo fala quem se pêja:
 — Dito ey: em que erro seja,
 defendem-me meus parentes
 que te nam falle nem veja.

20
E Crisfal he me forçado
fazer a vontade sua
por que lhe tenho jurado,
e tambem porque da tua
o certo me tem mostrado:
Que me dam certa certeza
porque fazem eonhecer-me
o que eu ey por gram erueza,
o amor que mostras ter-me
ser soo por minha riqueza. —

81
Ouvir-lhe eu ysto me era
passar o trago mortal,
que nam ha eousa tam fera
que he aehar-se o mal
onde o bem achar se cspera:
Vendo jaa que estava posta
em o que eu nam esperei,
com minha dôr trabalhei
por lhe dar esta resposta
que me lembra que lhe dci:

82
Oh Maria, oh Maria,
brando aehara meu mal
se para a minha alegria
vos vira a vontade tal
eomo me ella ser devia:
Mas nam he nova usança
quem grande bem esperou
nam ver o que dessejou,
muito pode a mudança
pois que vos tanto mudou.

83
Quem podera sospeitar
que no amor e na fee
me havieis de faltar;
mas pois jaa isto assi he
tudo he pera euidar:
Pois por mal que se guarde
sempre será meu amor
eomo a sombra, em quanto eu for,
quanto vay sendo mais tarde
tanto vai sendo maior.

84
Quando vos dei a vontade
ynda vós ereis menina
e eu de pouea ydade,
mas eahiu minha mofina
sobre a minha verdade:
Muito vos quiz bem primeiro
que de riquezas soubesse,
pois meu amor verdadeiro
de quem soo sois interesse
quem me faz interesseiro.

85
Sobre a terra anda o gado
e sobre ella ouro e riqueza,
mas pera que he dessejado,
que emfim nam tira tristeza
e aeresçenta euidado?
Não sei em que se ençerra
ser esqueçida e extranha
esta verdade tamanha,
ea ficia o haver na terra
o amor a alma acompanha.

86
Nús n'este mundo nascemos
e nús sayremos d'elle,
n'este meyo que vivemos
soo riego he aquelle
que ser contente sabemos:
È que grandes beës vos dcssem
aquelles que vol-os deram,
eu sei bem que nús nasçeram
e antes que os tivessem
he certo que nam tiveram.

87
Pois se ysto he assim
e o eu tambem eonheço,
eomo se ererá de mim
que soffrer o que padeço
pode ser a este fim?
Cuidar que euidado tinha
das vossas riquezas grossas,
mas cousas passadas nossas
vereis ser riqueza minha
vós, que nam riquezas vossas.

88
 *Mas que fosse assim e mais
 que remedio é o que vos dão
 com que conselho tomais
 á grande obrigação
 em que quando a Deos mostrais,
 que não são casos pequenos
 para que a alma vos não dôa
 Respondeu ella: — Esta é boa,
 dizem que isso é menos
 que Deos que tudo perdoe.

89
 E dizem que eu moça era
 ao tempo que yssó foi ser
 e como tempo de crescer
 tinha: que assi justo me era
 tel-o de me arrepender:
 Isto e mais se me diz,
 crê que te falo verdade,
 que nam tinha liberdade
 pera fazer o que fiz
 por minha pouca ydade.

90
 Entam me mandam que meça
 amor com quam longe estamos
 pera que mais nam me empeça,
 e se prazeres passámos
 os dessemulc e esqueça:
 E que entam me buscarão
 hum mui grande casamento
 tam de meu contentamento
 quanto meus olhos verão,
 e que o mais erá que he vento.

91
 E eu de mui esquecida
 vou-lhe fazer o contrario,
 a ser tal culpa sabida
 sei certo que este desvairo
 pagarei com minha vida:
 E em ysto ser assi
 assaz de rezam seria,
 pois tam mal n'aqueste dia
 o seu mandado cumprí
 como o que me a mim eumpria.

92
 Nam te veja aqui ninguem,
 vai-te Crisfal d'esta terra
 nam quero teu querer bem
 porque me nam dê mais guerra
 da que jaa dado me tem. —
 Em lhe ysto eu ouvindo
 fui pera lhe responder,
 mas depois de o dizer
 contra d'onde tinha vindo
 se me tornou a volver.

93
 Dei huma voz mui dorida:
 Porque me negais conforto
 alma desagradecida?
 entam cahí como morto,
 oxalá perdera a vida.
 Nam sei eu o que passou
 em quanto ysto passcy,
 mas junto commigo aehei
 quem este mal causou
 depois jaa que em mim torney.

94
 E dizendo: — Ó mesquinha,
 como pude ser tam crua? —
 bem abraçado me tinha
 a minha bocca na sua
 e a sua face na minha:
 Lagrimas tinha choradas
 que com a bocca gostey,
 mas com quanto certo sey
 que as lagrimas sam salgadas,
 aquellas doees achei.

95
 Soltei as minhas entam
 com muitas palavras tristes,
 e tomei por concruzam
 alma porque nam partistes
 que bem tinheis de rezam:
 Entam ella assi chorosa
 de tam choroso me vêr
 jaa pera me socorrer
 com huma voz piadosa
 começou-me assi a dizer:

— Amor da minha vontade,
 ora nom mais, Crisfal manço,
 bem sey tua lealdade,
 ay que grande deseânço
 he falar eom a verdade:
 Eu sey bem que nam me mentes,
 que o mentir he differente
 nam fala d'alma quem mente,
 Crisfal nam te deseontentes
 se me queres vêr eontente.

Quando comtigo faley
 aquella ultima vez
 o ehorro que entam chorei
 que o teu ehorar me fez
 nunea o eu esquccerey:
 Foi esta a vcz derradeira
 mas eomeço da paixam,
 passando-me eu entam
 para o Casal da Figucira
 do val de Pantaliam.

Minha fee te he verdadeira,
 no mal que te fiz o vy,
 porque emfim á derradeira
 nam quero mal contra ty
 quer o meu coraçam queira:
 Por me ver livre de door
 deixara eu de te querer
 se o podera fazer,
 mas poder e mais o amor
 nam podem estar n'um poder. —

N'este passo acordei eu
 e o meu contentamento
 que eu euidava que era meu,
 deu-me depois tal tormento
 qual nunca eousa me deu:
 Nam sei eu que a dita eustava
 porque nam me outorgara
 que n'esta gloria fiara,
 ou pois jaa que aeordava
 que d'isto nam aeordara.

Assi como nos lugares
 em morte e enterramento
 os sinos dobram a pares,
 morrcu meu eontentamento
 dobraram-se meus pezares:
 Por quam gram dita tivera,
 se por dar fim á tristura
 eu n'este tempo morrera,
 sabe Deus que eu bem quizcra
 mas nam quiz minha ventura.

Nam vos posso mais contar
 agoas minhas, minhas agoas,
 que me nam dcixa pesar,
 ora ehorai minhas magoas
 que bem sam pera ehorar:
 Que em que çem olhos tivera
 eomo teve Argos pastor
 da vaca y o guardador,
 mais olhos mister houvera
 para ehorar minha dôr.

*Por me isto alembrar
 não vos pareça historia,
 que as eousas de muita gloria
 com as do muyto pezar
 reeebe bem a memoria.
 Por sonho ante vós ponho
 o que eu velando vi,
 que meu mal foi todo assim,
 mas seja para vós sonho
 pois sonho foi para mim.»

Isto que Crisfal dczia
 assim eomo o eontava,
 huma nimfa eserevia
 n'um álemo que alli estava
 que aynda entam eresçia:
 Dizem que foi seu yntento
 de eserevel-o em tal logar
 pera por tempo se alçar
 onde baixo pensamento
 lhe nam pudesse ehegar.

Eu o tresladei d'ali
donde mais estava escripto,
que aqui nam escrevi
porque mal tam infinito
nam se lhe pode dar fim:

O que se fez de Crisfal
nam sabe certo ninguem,
muitos por morto o tem,
mas quem vive em tanto mal
nunca vê tamanho bem.

FINIS.

CARTA

Do mesmo estando preso, que mandou a uma Senhora com quem era casado a furto contra vontade de seus parentes d'ella, os quaes a queriam casar com outrem, sobre que fez (segundo parece) a passada Ecloga.

Os presos eontam os dias
mil años por eada dia;
mas os meus sem alegria
eomo os eontarey eu
verdadeiro amor meu,
a quem por meu bem eonheço,
pois eomo preso padeço
e eomo a quem vos nam vê.
Mal euja dôr se não erê
de prisam e de ausencia!
pois sem ppear penitencia
faço de traz de huma grade;
meus olhos de eseuridade
nam veem, jaa sam mortais;
mas pera que era ver mais
desque vos elles nam viram,
desque de vós se espediram?
Bem se enxerga nos danos
que estou preso ha einquaños,
afora os que ey de estar
passando em dessejar
o tempo que vos nam vejo.
Vede que só o dessejo
em que lugar m'acompanha,
nunqua se viu fee tamanha
nem tam mal agradescida.
Não quiz fortuna que a vida
fosse pera mais que ysto.
aynda que em vos ter visto
nam nasçi em vão, senhora,
que a vida he de huma hora
este bem sendo terreno;
que quer estê em mim mesmo
que quer estee sem juizo,
nunqua me veram deviso
daqueste tamanho bem,

e nam vos diga ninguem
que o mal que me tendes feito
me faz ter outro respeito
ynda que fora rezam;
mas não quer o eoraçam
pelo muito que vos quer,
e sempre ysto hade ser
em quanto eu vivo fôr.
Que verdade e que amor
pera se não ter em muito!
e quam poueo bõo he o fruto
que d'elle tenho tirado;
quem lançase o meu euidado
onde o nam vísse mais,
pois lembranças tam mortais
traz a minha fantezia,
que basta huma de hum dia
pera me os meus tirar;
n'elle vos vi eu ehorar
e n'elle ehorei tambem
derradeiro do meu bem
e primeiro de meu mal.
Nada senhora me val
nam sei em que me sustenho
pois que vos eserito tenho,
porque nam vejo resposta
quem vos poz no que estais posta?
que palavras vos disseram
que mais que a rezão poderam
que jaa entre nos puzemos?
Cuidai quanto nos quisemos
e não vos possa mudar
dizer que vos podem daar
outrem que tenha mais que eu;
poder ser não nego eu,
mas bem vos posso affirmar

que nam podereis achar
outrem que vos tanto queira.
Olhae que a derradeira
riqueza não tira door
pois antre ella e o amor
qual he mais pera estimar?
deve ser bem de julgar,
mas eom quanto eu ysto digo
mal aeabarei eommigo,
senhora, que possa erer
mudar-se vosso querer
por nenhuns outros querereres,
esqueecendo os prazeres
do nosso tempo passado
que me faz tam esforçado
que emquanto (a meu euidar)
a terra me nam gozar,
ninguem gosará de vós
senam meus euidados sós
que em vossa contemplaçam
os tempos gastando vam

eomo se fosseis presente
eom huma fee tam contente
eomo no tempo melhor.
E se ysto ante vós for
que me puz a eserever,
querei senhora entender
que tinha que dizer mais,
mas lembra-me os sinais
vossos, e olhos fermosos,
e os meus de saudosos
lembrando-se que vos viram
eom lagrimas me impediram
poder poor mais por eserito.
Baste o que tenho dito
pera a veer por galardam
tres regras da vossa mam,
pera resposta das quaes
senhora fique o mais
que aqui eserever devera
se o eserever pudera.

FINIS.

CANTIGAS

CANTIGA

Vi o cabo no começo
vejo o começo no cabo,
de feiçam que nam conheço
se começo nem se acabo.

Quando meu mal comecei
com muito bem começou,
mas o fim que lhe esperei
no começo se acabou:
Acabou-se no começo
pois se começa no cabo,
de modo que nam conheço
se começo nem se acabo.

No começo de meu mal
vi cabos de muyto bem,
mas este bem sahiu tal
que nenhum bom cabo tem.
Faço no cabo começo
sendo no começo cabo,
de feiçam que nam conheço
se começo nem se acabo.

OUTRA

Nunca sinto um mal vir só
nem singelo mas dobrado;
porque hum dó traz outro dó
hum cuydado outro cuydado.

Quando vejo hum mal commigo
passo pela pena d'elle

com outro moor de perigo
de muytos que vêm com elle:
Porque nunca vem hum só
para seer ho mal dobrado
mas hum doo traz outro dó
hum cuydado outro cuydado.

ESPARÇA

Deixai-me cuydados vãos,
dessejos desesperados,
olhos mal aventurados
quanto me foreis mais sãos
se vos tivera quebrados:
Trabalho por nam ser vosso
cada dia e cada hora,
e entam fico scnhora
contente quando nam posso.

CANTIGA

Que forte fortuna sigo
a que grande extremo vim,
que jaa nam vejo perigo
para mim maior que mim.

Tudo soube arreçar
quero bem que arreçasse,
quem havia de cuidar
que de mim eu me guardasse.
Nam me guardei como devo
de vir teer ao que vim,
que jaa nam vejo perigo
pera mim mayor que mim.

OUTRA

Senhora, pois por vos vêr
 assi me desconheçi,
 nam me queirais vos fazer
 o que por vós fiz a mim.

Todo este tempo tec agora
 em que me a mim bem nam hia,
 nam me matava senhora
 senam porque vos nam via.
 Agora vindo-vos veer
 desconheçerdes-me assim,
 acabo jaa de saber
 que nam ha bem para mim.

OUTRA

Quem me vos levou, senhora,
 tam longas terras morar?
 olhos que vos viram hir
 nunca vos verão tornar.

Milhor me forcis quebrados
 olhos que n'esta partida
 vêdes-me tirar a vida
 e ficarem-me os cuidados:
 coitados olhos, coitados
 nascidos para chorar,
 olhos jaa fontes tornados
 em que me hei de alagar.

Concertou-se esta mudança
 com a pouca ventura minha,
 esperança atce que tinha
 agora perco esperança:
 Perde-se o que se alcança
 louvado seja o pezar,
 que atee na descspança
 me quiz fazer singular.

OUTRA

Esta soo razam me ajuda
 para teer gram sofrimento,
 saber çerto que se muda
 a fortuna como o vento.

Tenho jaa certo sabido
 n'isto nam ha deferença,
 que o homem bem sofrido
 nunca pode ser vencido:
 Nem ha cousa que nam vença
 quẽ do mal quer vencimento
 com paciência se escuda
 por que tam presto se muda
 a fortuna como o vento.

Nunca ninguem desespere
 em quanto lhe a vida dura,
 na memoria se tempere
 que ho mal que entam o fere
 por tempo pode ter cura:
 Finja algum contentamento
 desmayo de si sacuda
 por que tam presto se muda
 a fortuna como o vento.

OUTRA

Nam posso dormir as noutes,
 amor nam as posso dormir.

Desque meus olhos olharam
 em vos seu mal e seu bem,
 se algum tempo repousaram
 ja nenhum repouso tem;
 dias vam e noites vem
 sem vos ver, nem vos ouvir,
 Como as poderei dormir?

Meu pensamento occupado
 na causa do seu pensar

acorda sempre o cuidado
 pera nunca descuidar.
 As noites do repousar
 dias sam ao meu sentir;
 noutes do meu não dormir.

Todo o bem he jaa passado
 e passado em mal presente,
 o sentido desvelado
 ho coração descontente;
 ho juizo que ysto sente
 como se deve sentir,
 pouco deixará dormir.

Como nam vi ho que vejo
 eos olhos do coração
 nam deito sem dessejo
 nem me erguo sem paixam:
 hos dias sem vos ver vam,
 as noites sem vos ouvir,
 eu as não posso dormir.

Buscarei remedio algum
 mas onde ho hirei busear,
 que ahi nam havia mais que hum
 que me levou o pesar.
 Tudo me foram levar
 ficou-me soo o sentir
 pera não poder dormir.

Hos meus cuidados creçeram
 as esperanças mingaram,
 prazeres adormeçeram
 hos pezares acordaram.
 Ao bem os olhos çegaram
 ao mal os foram abrir,
 nunca mais pude dormir

OUTRA

Coitado quem me dará
 novas de mim onde estou,
 pois dizeis que nam sou lá.
 e que commigo nam vou.

Todo este tempo, senhora,
 sempre por vos perguntei,
 mas que farei que já agora
 de vos nem de mim não sei:
 Olhe vossa mercê lá
 se me tem, se me matou,
 porque eu vos juro que quá
 morto nem vivo nam vou.

OUTRA

Senhora, pois nam deixais
 a minha vida viver,
 jaa agora nam peço mais
 que deixar de laa morrer.

Por que mouro cada hora
 nam m'acabais de matar,
 e por me mais magoar,
 quando me mataes, senhora,
 nam dais á morte lugar.
 A vida vós a matais
 pois a nam deixais viver,
 assi que nam peço mais
 que deixar de lá morrer.

OUTRA

Commigo me desavim,
 vejo-me em grande perigo,
 nam posso viver commigo
 nem posso fugir de mim.

Antes que este mal tivesse
 da outra gente fugia,
 agora jaa fugiria
 de mim, se de mim pudese:
 Que gloria espero ou que fim
 d'este cuidado que sigo,
 pois trago a mim commigo
 tamanho ymigo de mim?

OUTRA

Partido fiz com meus olhos
que vos nam quizessem ver,
nam m'ó podcram manter.

Com elles me concertei,
a vos nam ver se obrigaram,
o que com elles fiquei
por çerto mal o guardaram;
feito ho partido çegaram
nam vos vendo, por vos veer
nam m'ó puderam manter.

Como a vista foy vedada
vi mil mortes contra a vida,
porque a eousa defendida
he logo mais dessejada,
fui hos tomar na çilada
que morreram por vos veer.

Pul-os em outro lugar
para mudar a tençam;
mas eu logo os fui tomar
com este furto na mão.
Consentiu o coração,
que vos nam quizessem ver,
nam ho poderam manter.

OUTRA

Ventura sempre no mal
e no bem tam pouco dura,
que não se chame ventura.

Mudei terra e naturcza
esperando mudar mais,
entam ereçeram meus ays:
cheios de tanta aspcreza:

Nunca se viu bem olhado
extremo tam desigual
em pezarcs estremado,
ventura sempre no mal.

Busquei por terras extranhas
lugares de soydade
por desviar a vontade
de suas dores tamanhas.
Nada podem valer manhas
a quem no mal tem ventura
e no bem tam pouco dura.

Nunca me desenganei
na mudança dos lugarcs
se nam agora, que achei
que nam mudei os pezares.
Antes creçem a milhares
e o bem de tam pouca dura
que nam se chama ventura.

Nada quero, tudo engeito
o mayor bem m'aborreçc,
o prazer que me entristeçc,
e o viver porque he sogeito
a quem d'elle assi se esqueçc;
se mouro acaba o mal,
se vivo, o padecer
d'csta dor he tam mortal
que me não posso valer.

OUTRA

Casada sem picdade,
vosso amor me hade matar.

Nunea çessa a fantezia
nem afrouxa o pensamento,
se cspero algum bom dia
entam creçe meu tormento;

e por mais me magoar
nam credes minha vontade,
casada sem piadade
vosso amor me hade matar.

Quando cuido que acabais,
sinto no que vejo em mim
que de novo começais
huns cabos que nam tem fim;
eu ho não tenho em amar
sem vida e sem liberdade,
casada sem piadade
vosso amor me hade matar.

Se vos eu vira casada
com quem vos bcm conheçera,
jaa em vos ver descançada
algun descanço tivera;
mas o vosso máo casar
dobra minha saudade,
casada sem piadade
Vosso amor me hade matar.

Como vós tam mal cazastes
logo eu com mál andei
como tam mal açertastes
com nenhum bem açertei,
e por tam mal açertar
perdi vida e liberdade,
casada sem piadade
vosso amor me hade matar.

Para sempre vos casastes
para sempre o sentirei,
e pois no casar errastes
dae-me parte do que errei;
nam vos engane o casar
pois não tolhe a liberdade,
casada sem piadade
vosso amor me hade matar.

Se me ás vezes respondeis
vosso: «nam posso e nam quero»
o que quero nam quereis
assi que jaa desespero;
desespero d'alcançar
ho que quer minha vontade,
casada sem piadade
vosso amor me hade matar.

ESPARÇA

Solteira foreis, senhora,
vira-vos viver contente
ainda que o eu não fora,
fora eu só o descontente;
mas ver-vos mal empregada
triste de vós e de mim,
de vós por serdes casada
e de mim porque vos vi.

Responde ella

Oh enganoso casar,
oh casar cheo de enganos,
se eu tal pudera euidar
solteira fora mil annos;
mas fui triste, enganada
com enganos me perdi,
ynda m'eu veja vingada
de quem se vingou de mim.

D'outrem

Se á do mundo casáreis
jaa que o nam sois á nossa
eu penara e vos penáreis
fora yqual a minha e a vossa;
mas o vosso máo casar
roubou minha liberdade,
se nam usais piadade
vosso amor me hade matar.

Para quem tam mal contente
está de tal casamento
nam era ao mundo nã á gente
em tirar-me de tormento.
Nam me queirais maltratar
pois sois certa de vontade,
que se usais crueldade
vosso amor me ha de matar.

De huma pessoa a outra

Se vos viveis em tristeza
eu vivo vida penada,
se chorais ser mal easada
eu eho vossa crueza.
Olhai minha fee em amar
tratai-me com piadade,
que se usais crueldade
vosso amor me ha de matar.

Baste o mal que me fazeis
com vos veer tam deseontente,
o vosso a minha alma o sente
o meu nem veer o quereis.
Nam me queirais aeabar
pois vos dei a liberdade,
que se sois sem piedade
vosso amor me hade matar.

OUTRA

Quero tanto a meu cuidado
estimo tanto seu danno,
que quero ser enganado
e nam quero desengano.

Quero seguir a feiçam
eom que engane o desejo,
nam quero jaa ver rezam
se a quero nam na vejo.
Assi quero a meu euidado
quero-o eom seu engauo,
porque em ser desenganado
ho terei por mór engano.

Antes do mal ser mortal
bem queria a meu cuidado,
ja agora quero-lhe mal
por me ter em tal estado,
que de nam sentir meu dano
folgo eom ser enganado
e nam quero desengano.

Se meus euidados perdesse
meus tormentos perderia,
se jaa d'elles m'esqueçesse
de mim lembrança teria.
Oh quem d'elles se esqueçera
ou esquecer esperára,
ditoso quem os perdera
pois perdendo-os se cobrara.

OUTRA

Em deseonto do meu mal
nam queria maior bem
que nam m'o saber ninguem.

Do mal que meu mal me désse
menos pena sentiria
quando seguro estivesse
que meu mal ninguem sabia:
Consolaçam me seria,
para mal seria bem
ho nam no saber ninguem.

OUTRA

Espalhei a fantczia
pera nam poder cuidar,
nam a ousado de ajuntar
pelo mal que me fazia.

Via-me tam enleado
de euidados cada dia,

que vi bem que me cumpria
pôr em mim melhor recado.
Por lhe poder atallar
espalhei a fantezia,
nam a ousa de ajuntar
pollo mal que me fazia.

OUTRA

Antre mim mesmo e mim
nam sei que se alcvantou,
que tam meu ynimigo sou.

Hũs tcmpos cõ grande engano
vivi eu mesmo connigo,
agora no maior perigo
se me descobriu moor dano;
caro custa um desengano
e pois me este matou,
assaz caro me custou.
De mim sou feito alheo
antre cuidado e cuidado
estaa um mal derramado
que por meu gram mal me veo.
Nova dor, novo arreço
foi este que me matou
que tam meu ynimigo sou.

OUTRA

Pois tudo tam pouco dura
como o passado prazer,
ysso me dá teer ventura
como deixal-a de teer.

Acaba-se com a vida
juntamente o mal e o bem,
e quem maior dita tem
tem mais pena da partida.

E pois he cousa segura
que tudo fim hade haver,
ysso me dá ter ventura
como deixal-a de teer.

Nunca vi contentamento
durar em nenhum estado,
e vi dar muito tormento
lembrança do bem passado:
Pois magôa e pouco dura
a refega do prazer,
ysso me daa ter ventura
como deixal-a de teer.

He tão breve em si a vida,
que tudo lhe corresponde,
o prazer se nos esconde
ou tem breve despedida.
E pois sam de pouca dura
a vida e o prazer
ysso me daa ter ventura
como deixal-a de teer.

A tristeza e o tormento
sempre vi em mim sobejo
e não vi contentamento
que nam viesse a dessejo:
Como a vida nam he segura
e dura pouco o prazer,
ysso me daa ter ventura
como deixal-a de teer.

Toda a descriçam consiste
em saber homem com cedo
que nenhum prazer faz ledo,
pois o seer da vida he triste.
Se a vida nam he segura
e os gostos nam teem ser,
ysso me daa ter ventura
como deixa-la de teer.

Estillo da natureza
 he prazer vir de passada,
 e o prazer e a tristeza
 fazer comnosco morada.
 E pois tam pouco segura
 he a vida e o prazer,
 yssso me daa ter ventura
 como deixal-a de ter

ESPARÇA

Pelos prazeres passados
 desconfio dos presentes,
 porque nunca vi contentes
 se nam os desconfiados.
 O que por menos segura
 tem a vida e o prazer,
 tem o tempo e a ventura
 sogeitos a seu querer.

Nunca puz minha firmeza
 em nenhum prazer mundano,
 porque a propria natureza
 daa de si o desengano:
 E quem por menos segura
 tem a vida e o prazer,
 tem mais sogeita a ventura
 para tudo o que quizer.

OUTRA

Se m'as dais para contar
 de meus males algum ponto,
 não se pode contas dar
 de contas que nam tem conto.

As contas que sam de bem
 que de vossa man vieram
 estas conto e cabo tem,
 as do mal nunca o tiveram.

Nem eu presumo contar
 taes contas que nam tem conto;
 porque se nam póde achar
 n'ellas cabo nem desconto.

Eu conto mas nunca acabo
 as contas do meu tormento
 pollas que teem cabo
 sem fim no merecimento;
 e pois nam posso contar
 nas vossas o menor ponto,
 muy vão será contas dar
 das minhas que nam tem conto.

OUTRA

Señora, n'esse amarelo
 que trazeis me certifica,
 que he vosso soo o trazel-o
 e meu o que scnefica.
 Que a dôr de desesperar
 he tanto mal de soffrer,
 que nam é para passar
 quanto mais para trazer.

Mas ysto vai d'aquella arte
 quando se entre montes brada,
 ho toom he em hũa parte
 e em outra he a pancada;
 assi foi que a minha dôr
 mostrou em vós ho sinal,
 porque ao menos na côr
 vos lembrareis do meu mal.

OUTRA

Enganosas esperanças
 pois sem resam vos tomei
 com ellas vos deixarei.

Tomei-vos por um engano
d'algũa côr ajudado,
trouxestes-me assi enganado
hum anno apôs outro año;
tudo foi para mais dano,
pois nam vi ho que esperei
e vejo o que arreçeei.

Quando vos tomei em vam
com errado pensamento
falsas ereis e de vento,
nam vos conheci entam;
pois vos tomei sem razam
com ellas vos deixarei
jaa nunca esperarei.

OUTRA

Quem vos visse e nam çegase
assaz cego seria;
quem perdido nam ficase
quam perdido ficaria.

Para poder escapar
d'este çegar ou perder,
o remedio he não vos ver
ou nam vos poder oulhar.
Mas quem assi escapase
quam perdido ficaria,
quem vos visse e nam çegase
senhora quam mal veria.

OUTRA

Mal empregado, senhora,
sejais vós em quem vos tem;
a minha alma por vós pena
e a vossa não sei por quem.

Se vos eu vira empregada
como rezam requeria,
minha alma se contentara
padecera a pena minha;
frol das frores escolhida,
esperança de meu bem,
a minha alma por vós pena,
e a vossa nam sei por quem.

Deixastes-me triste soo
no logar d'onde vos vi,
do que houvereis de aver doo,
jaa que o nam tinheis de mim;
a minha alma se consola
de perder tamanho bem,
tam mal empregada agora
quam bẽ no he quem vos tem.

OUTRA

Nam passeis vós cavalleiro
tantas vezes por aqui,
que abaixarei meus olhos
jurarei que vos nam vi.

Se me quereis de verdade
nam m'ó deis a entender,
folgai muito de me ver
dentro na vossa vontade;
merecey-me em soydade
mas se passais por aqui,
pois nam tenho liberdade,
jurarei que vos nam vi.

Quem tanto mal por vos sente
nam lhe deveis causar mais
e pois em minha alma estais
nam deis que falar á gente;
ynda que nam estejais ausente
sempre vos vejo em mim,
mas se mais vos vir presente
jurarei que vos nam vi.

OUTRA

Nam vive quẽ vos nam viu,
nem creio que podc seer
ver-vos e poder viver.

Quem na vida consentiu
sabendo serdes nascida,
nam crea que teve vida
se na vida vos nam viu;
e porẽm quem descobriu
senhora poder-vos veer
nam seraa pera morrer.

E sabeis como isto sey,
porque despois que vos vi
eu creio que nam vivi
nem agora vivirei;
ora sei o que ganhei
que havia de morrer
e ficava sem vos ver.

Quem n'esta vida viveu
sem vos ver nam teve vida,
quem vos viu tem-na perdida,
quem vos nam viu mais perdeu;
mas o que se atreveu
ver-vos para se perder
nam houvera de morrer.

OUTRA

Ysabel e mais Francisca
ambas vam lavar ao mar,
se bẽ lavam, melhor torçem,
namorou-me o seu lavar.

Lavam com grande soçego
sem fazer nenhum rogado

ynda que ho mar he creçido
faziam-n'õ andar quedo;
ambas em hum penedo
lavam com doçe cantar,
se bẽ lavam, melhor torcem,
namorou-me o seu lavar.

Vam-se ao longo da praia
afastadas do logar,
deitam a roupa enxugar
á sombra de huma faya;
Ysabel encolhe a saya,
Francisca deixa molhar,
se bẽ lavam, melhor torcem,
namorou-me ho seu lavar.

Eu me achei no presente
onde estavam escondidas
e no penedo metidas
lavando secretamente;
mais quizera seer ausente
que presente me achar,
se bẽ lavam, melhor torçem,
namorou-me o seu lavar.

Lavam com lagrimas vivas
todas as vãs esperanças,
batem em desconfianças
ahi vos torçem as vidas;
inda d'isso mal servidas
piores de contentar,
s'ellas bẽ lavam, melhor torçem,
namorou-me o seu lavar.

AL.

Olhos que vam ou que vem
queria que mais nam vissem,
e com isso me fugissem
para mais nam ver ninguem.

E d'aqui se vam, senhora,
 mais longe do que euidais
 onde jáa nam verão mais
 pello que viram agora:
 Pois viram tamanho bem
 queria que mais nam vissem,
 queria que me fogissem
 para mais nam ver ninguem.

OUTRA

Acabai, aeabai jaa
 meus cuidados onde estais
 para que he euidardes mais?

Deseuidar é a verdade
 pois cuidar nam aproveita,
 mas a vontade sogeita
 nam tem essa liberdade.
 Desviando a vontade
 euidados se em vós estais
 deixareis o que euidais.

DO MESMO

Como ahi houve bõos olhos
 houve-os maus para mim,
 para me serem assim.

He o mal dos bõos melhor
 que dos maos ho maior bem,
 hos bõos dam-me desfavor
 porque muito favor tecm;
 os maos a mim nam m'õ dem
 que dos bõos que vos eu vi
 ho mal quero para mi.

OUTRA

Nam sabe quam bem parece
 o que he mui grande bem
 para aquelles que a veem.

Se de tamanha verdade
 jaa tivcsse o desengano
 nam vos veria no anno
 huma vez por piadade;
 que seria crueldade
 para aquelles que a veem
 pois que nam tem outro bem.

*A huma senhora a quem dixee huma
 verdade que ella nam quizera*

A verdade me matou,
 o mentir me dera vida,
 se jaa nam fora perdida.

Hum eontrairo outro eura,
 eu eom elle me curara,
 pode ser que me matara
 mas tudo fora ventura;
 ora o que se me afigura
 que me pode dar a vida
 minha alma nam no duvida.

A verdade embuseada
 nam ousa jaa pareceer,
 do riseo que pode teer
 guarde Deos nossa pousada;
 nam aproveita jaa nada
 antes faz perder a vida,
 assi a tenho perdida.

OUTRA

Perdi a vista no mar
 indo meus olhos traz elia,
 correu mais o dessejar
 que a nau que vai á vella.

Assi que d'ella perdido
 fieo tal que a nam vejo,
 agora tenho sabido
 que corre mais o desejo:

Desque a perdi no mar
cego na terra por ella,
desesperado de vella
que posso jaa esperar?

OUTRA

Nam me sei desesperar,
e inda que tenha rezam
nam m'ó quer o coração.

Nam poderia viver
hũa hora sem esperança,
esta muita confiança
veem de muito merecer;
nam a queria perder
que fazia ao coração
muito grande sem razam.

OUTRA

Mcnina, pois sois fermosa,
nam sejais despiedosa.

Quem nam parece razam
tendo tanta perfeiçam
que tenhais a condiçam
tam esquiva e desdenhosa,
nam sejais despiedosa.

Por vós de mim esquecido
ando tam triste perdido
que tomara por partido
nam vos ver ser tam fermosa,
vira-vos mais piedosa.

Nam sey jaa como vos veja
que pera meu mal nam seja,
se rides matais d'enveja,
se por acaso estais irosa
sois muito mais perigosa.

OUTRA

Cuidados se descuydados
fazeis bem
que aqui tendes quem os tem.

Ysto soo me faleçia,
a cabo de todo teer,
para me poder valer
gram cuydado me compria;
hum descuydo d'um soo dia
que a seus meus cuydados dem
ficarão sem quem os tem.

OUTRA

A cabo de tantos años
quando cuidei descansar,
em galardam de meus danos
querem-me desenganar;
pude com meu mal até qui
de meu engano ajudado,
agora triste de mim
que farei desenganado?

Se lembranças me deixaram
pudera cu meu mal deixar,
se cousas se nam mudaram
descanço fora cuydar.
Pois tudo se muda assim
e eu nam sei ser soo mudado,
camanha perda perdi
em perder-se-me o cuydado.

Todo bem dura hũa momento
ho mal he de todo año,
por breve contentamento
grande tempo grande engano;
foy do engano e deixou
ho mal da vida que sigo,
assi que quem me matou
trago eu sempre commigo.

Hum euydado que eu prantei
de que agora colho o dano
tudo o que tinha empreguei
e levou-me hum desengano;
e porque do meu tormento
mais que de mim fui amigo
por salvar um pensamento
fiquei eu soo no perigo.

Fieo assi esperando a fim
que meu mal me quizer dar,
que passou jáa para mim
todo ho tempo de folgar.
Mas pois assi foi servida
que m'ó só póde ter dado,
esperar mais n'esta vida
para mim he eseusado.

Minhas justas esperanças
derramou-m'as hum pezar,
eu nam cuido nas mudanças
eansado estou de cuidar.
N'este mal tam sem eonforto
d'isto só sou consolado,
que muito ha que sou morto
da parte do meu euidado.

OUTRA

Antre eamanhas mudanças
que cousa terei segura?
duvidosas esperanças,
tam eerta desaventura

Venham estes desenganos
do meu longo engano e vam,
que jáa ho tempo e hos años
outros cuidados me dam;

jãa nam sou pera mudanças
mais que huma dor segura;
vá crer as vans esperanças
quem nam sabe o que aventura.

Tudo em tempo hade teer
que vos pese de meu dano,
não póde deixar de ser
pello tempo e pello año;
senhora olhay se me engano.
Camanho engano seria
pois vos quero de maneira
que nam póde vir este dia
tam eedo eomo eu queria
nem tam tarde que ho não queira.

OUTRA

D'onde ey meu mal de pôr,
cuidados que eu fui tomar
querei-me ora dcixar.

Tudo foy, parece engano,
e eu fuy o enganado,
aeabado he este dano
n'outro mayor começado.
Cuydados de outro euydado
se vindes a me aeabar
cedo havereis de tornar.

Por humas vãas esperanças
em que eu jáa tanto esperei
vi depois tantas mudanças
que a meu mal eonto nam sei;
cuydados que eu nam o cuydci
dizei-me se heyde cuydar
que haveis tambem de acabar.

OUTRA

Cuydados assi vos quero
que sejais desesperados,
quero-vos para cuidados.

Tempo foy que nunca fora
quando com outra esperança
toda minha confiança
puz em vos só por huma hora.
Muito mais vos quero agora
por que sois desesperados,
quero-vos para cuidados.

Nam vos quero por vã gloria
deter-vos, ainda que a tenho
commigo qua só os tenho,
de mim a mim só faço historia;
puz-vos na minha memoria
d'onde nunca outros cuidados
foram tam desesperados.

Cuidados assi vos quero
ho que tenho dou a vos só,
desesperados sois de vós
eu sou ho que desespero;
vinde que assi vos cspero
quanto mais desesperados,
quero-vos para cuidados.

OUTRA

Mandais que leixe cuidados
senhora, mas se os tomci
por vos, como hos deixarei?

Sobre mim desque vos vi
nam me ficou mais poder,
se mandais tornai-me a mim
e verei se pode seer.

Ainda que se em meu querer
hade ficar eu nam sei
de vos para onde hirei.

SEXTINA

Hontem poz-se o sol, e a noute
cobriu de sombra esta terra,
agora he jaa outro dia
tudo torna, torna o sol,
só foi a minha vontade
para nam tornar co tempo

Todalas cousas por tempo
passam como dia e noute,
hũa só minha vontade
nam, que a dor commigo a terra;
n'ella cuido eu quanto ha sol
n'ella em quanto nam ha dia.

Mal quero por hum soo dia
a todo o outro dia e tempo
que a mim poz-se-me o sol
onde eu soo temia a noute;
tenho a minha sobre a terra
debaixo da minha vontade.

Dentro na minha vontade
nani ha momento no dia
que nam seja tudo terra;
ora ponho a culpa ao tempo
ora a torno a pôr á noute
no melhor poz-se-me o sol.

Primeiro nam haverá sol
que eu descance na vontade,
poz-se-me hũa escura noute
sobre a lembrança de hum dia;
ynda mal porque houve tempo
e porque tudo foi terra.

Haver de ser tudo terra
quanto ha debaixo do sol
me descança, porque o tempo
me vingará da vontade,
senam que antes d'este dia
ha de passar tanta noute.

CANTIGA

Para mim nasceu cuidado
cuidado desaventura,
para mim nasceo tristura.

Começou meu mal em ver,
em ver foi seu começar,
a vista fez dessejar,
o desejo e o querer
deram eontinuo cuidar.

Cuidando meu mal passado
e no presente dobrado
sei que nasceu entre nós
o deseuido para vós,
para mim nasceu euidado.

Cuidado sem esperança
he o que eu por vos euidei,
seguindo por firme lei
em mais mal menos mudança,
ysto cuido e euidarei.
A males que nam tem eura
esperal-o da ventura
vam esperança seria,
que esperando creçeria
cuidado, desaventura.

Desaventura muy çerta
he nos começos errar,
e o presumir d'açertar
no mais quem nam açerta
he muy certo perigar:
ysto em mi bem se assegura
por que o tormento me dura
que do eomeço nasçen,
e do que elle mereceu
para mim nasceo tristura.

FINIS.

ADVERTENCIA — Aqui termina a lição de Colonia de 1559, que acompanha a edição da *Menina e Moça*, desde folhas cxxxii r., até clxxii r. Nas paginas que se seguem, accrescentamos em appendice uma *Segunda parte apocrypha do Crisfal*, que se encontra na edição de Lisboa de 1721; a sua linguagem pertence ao principio do seculo xvii.

Basta-me só ficardes conhecendo
Que claramente cutendo que padeço;
Nem cuideis que vos peço favor novo
Nem a isso me movo n'esta rima,
Que não nasci em clima de favores,
Só peço que estas dores que causastes,
Vejaís como pagastes com desgosto.
Inclinay pois o rosto, ó Silvia fera,
Vereis de quem espera hum caso raro,
Que vi patente e claro n'esta idade
E tende por verdade que não minto,
Mas como aqui o pinto passou certo.
E do que vi, desperto m'o causarão
Especics que ficarão no sentido,
E assim estando dormido vi patente
Isto, que brevemente irey contando.

Começa a obra

Como de vossa esperança
vivo já desesperado,
d'esta ingrátidam cansado
reeolhi minha lembrança,
pois da vossa estou riscado.
Trabalhey por me encerrar
dentro em meu soffrimento,
mas logo no pensamento
comecey de fabricar
cem mil castellos de vento.

Parecia-me que via,
não sei se he sonho ineerto,
hum valle todo cuberto
de flores, onde se via
da natureza o concerto.
Competia o arvoredos
c'o campo alegre e eheyroso,
onde o vento sonoro
bolindo com sôpro quedo
causava hum som saudoso.

A musica concertada
das aves, que tudo atroa,
por entre as arvores sôa,
e quanto menos ornada,
tanto o peyto mais magôa.
Entre esta verde floresta
está huma fonte pura
metida entre a verdura,
onde pudera ter festa
quem tivera mais ventura.

E vi que sobre ella estava
hum pastor, assaz airoso,
que com tom de voz choroso
em seu rabil entoava
este Mote saudoso:

MOTE

«Lembrança do bem passado,
para que me renovais
lembranças que causam mais?»

VOLTAS

Gostosas são as lembranças
a hum peyto namorado
quando vive acompanhado
de gostosas esperanças:
mas quando tristes mudanças
o tem em portos mortais
as lembranças causam mais.

Quando de todo acabou
o firme trato de amor,
he trato de mortal dor
lembrança do que passou;
esta alma que o gostou
entende que em termos tais
as lembranças causam mais.»

Mais desejava cantar
segundo n'elle entendi,
mas vendo que o senti
tangeu por dissimular,
e calou o que lhe ouvi.

E vendo que me chegava
onde elle estava sentado,
decytou o rabil e cajado
dando mostras que folgava
de a tal tempo ser chegado.
E disse com alegria:
«Lisardo, que cousa he esta?
pôde amor dar-me tal festa,
que chegasse a ver o dia
de ver-te n'esta floresta?»

Só por te ver, ha mil annos
que espero em gram tormento
sem bastar o soffrimento
para sustentar os danos
d'este meu contentamento.»

E tomando-me da mão
para mais me festejar,
no valle me fez sentar
dizendo: «Dá-me tenção
ó que te quero contar:

Sabe pastor, d'este prado
cuberto de tantas flores,
tomando o nome das cores,
he Val de Flores chamado
entre nimphas e pastores.

Foy lugar antigamente
em que famoso Cupido
foy hum Rey obedecido
entre a Lusitana gente
mais amado que temido.
E quando a Dama ingrata
engeyta seu servidor,
por mitigar sua dor
com estas agoas de prata
o encanta logo amor.

E porque n'este trabalho
fuy a muytos semelhante,
por pagar amor constante
buscou Cupido hum atalho
qual te direy diante.
Mudou-me assento d'uns valles
que vão nas serras do Lor,
onde encerrou minha dor
a causa de tantos males,
quantos soffri por amor.

Eu fuy o pastor Crisfal
(se algum'hora d'elle ouviste)
que em rima chorosa e triste
cantey a força de hum mal
semelhante ao que sentiste.
E porque sei que he sabido
o que passey com Maria
junto de huma fonte fria,
quando mudado o vestido
a encontrey certo dia;

Quero que ao mundo publiques
o mais que depois passey,
e tambem te avisarcy,
porque c'o aviso fiques
menos mal do que eu fiquy:
Levantou-me a confiança,
Maria de me querer
renovou-me este prazer,
mas foy prazer d'esperança,
e esperança de molher.

Porque crendo alcançaria
com ella hum fim descansado,
emfim deyxon-me frustado,
julga tu que fim teria
quem se viu tam enganado.
Trocou-me o bem que esperava
em cruel encerramento,
meteu-se em certo convento:
e a mim, que ao vento gritava,
deyxou-me gritar ao vento.

E depois que me chegou
a perder vida e sentido,
escolheu outro marido,
que n'ella o premio gozou
de meu amor merecido.
Fiquey perdido entre valles
contemplando os horizontes,
tornados meus olhos fontes,
e por mitigar meus males
com ays bradava ós montes.

Algumas horas sahia
Maria pelo arvoredos,
e vendo-me mudo e quedo,
com tam pouca dor me via,
como se via hum penedo.
Dizia-lhe eu algum'hora,
quando me esforçava o mal:
— Cruel, conheces Crisfal?
Respondia: = Vai-te embora,
pastor, ou fala-me em al.

Cheguey a ponto de morte
c'os males que me cercaram,
e por mais que lh'os contaram
estava izenta de sorte
que nunca mais a abrandaram.
E vendo-me amor chegado
a ponto já d'expirar,
me mandou a este lugar,
que este tem depositado
para dores metigar.

Tirou-me toda memoria
das serras que atraz deixara,
e aquillo que desejara
me foi contente na gloria
da perda com que ficara.
E vendo quam bem guardey
o fogo em que me meten,
de mim se compadeceu,
e as lagrimas que chorey
n'esta fonte as converteu.

Encantou-me dentro n'ella
até que o produzisse
outro pastor que seguisse
a ordem de minha estrella
e os males que já te disse.
Agora vejo chegado
este tempo gracioso,
porque teu peyto amoroso
tem tanto de namorado,
quam pouco de venturoso.

Sei que te feriu amor
por Silvia, a quem namoras,
e que te faltam as horas
para mitigar a dor
com as lagrimas que choras.
Tambem sey que vive dura
á vista de teu tormento,
mas tem n'isso soffrimento,
que he ser o faltar ventura
onde ha mais merecimento.

Rogo-te, se póde ser
 contente n'esta affeyção,
 inda que trabalho vam,
 na força de bem querer
 governa-te per rasão.
 Só huma cousa te digo,
 tem-na tu por cousa certa,
 que onde houve já porta aberta
 para eutrar algum amigo,
 quem vem tarde desaeerta.

Esta pastora a quem queres
 quiz bem por algum respeito,
 e por mais que mude o peito
 bem sabes tu que mulheres
 sempre ali lhe fiea hum geito.
 E sabe, se saber queres
 que em lhe dando na vontade,
 ha de fingir saudade,
 e dizer iguais prazeres
 tive na outra amisade.

Deyxei quem tanto me quiz
 por querer quem me não quer,
 pastor se me queres crer
 lembre-te que o mundo diz:
 o mais pouco da molher.
 Olha que tanto os m'ais amam,
 e por ellas esmorecem,
 tanto menos agradecem;
 a quem foge d'ellas, ehamam,
 e a quem as segue, aborrecem.

Dir-te-ha que em paga e primor
 te não deve cousa alguma;
 e erê-lhe tudo em summa,
 porém olha que esse amor
 segue as mudanças da lua.
 Lisardo, eae sobre ti,
 não abatas teu juizo,
 pondera bem este aviso,
 que quem se rege por si
 vem-lhe de ter pouco siso.

Toma do que viste em mim
 n'este caso experiencia,
 governa-te com prudeneia,
 olha que te vejo hum fim
 de males sem paeiencia.»
 Eu que via as conclusões
 ferirem minha barreira,
 por não dar na derradeira,
 atalhey suas razões,
 dizendo d'esta maneira:

— A troco de hum bem tamanho,
 como foy ver-te, pastor,
 estimo tam pouco a dor
 que os males tenho por ganho,
 e os trabalhos por favor.
 E quando este meu mal
 tiver hum fim tam rasteiro
 não sois inda tam grosseiro,
 que o desestime Crisfal,
 tendo-te por companheiro.

Mas dize-me que farey,
 pois vi tal merecimento,
 ou me torna qual andey
 ou me empresta soffrimento,
 antes d'este passamento.
 Que dar aviso prudente
 e conselho a questam
 quaesquer grosseyros o dam:
 mas que fará o doente
 sogeyto a toda a payxam?

Se no tempo que vivias
 por Maria namorado
 eras d'amor tam letrado,
 eomo em ti descobrias
 remedio para o cuidado.
 Agora que te sentiste
 izento de tantas penas,
 os namorados condenas,
 veja-me eu qual tu te viste,
 é todo o bem que me ordenas.

Que se Maria segura
vive no Ceo tresladada,
a terra inda não me enfada,
que Silvia, e sua luz pura
em o Ceo a tem transformada.
Nem vive Silvia em meu peito
eom tam leve fundamento
que por eseusar tormento
se diga que a pena engeyto
á falta do soffrimento.

Venham tormentos dobrados
á conta de luz tam bella,
eomtudo hey de querel-a,
que assaz são galardoados
em os padecer por ella.
Não euro se lá outro quiz
ou se lhe quer ainda agora,
se bem lhe quer, queira embora,
vão todos (eom outrem diz)
e nós não fiquemos fóra.

Amo-a tam sem interesse,
que nem que me queira quero,
de todo o bem desespero,
fóra d'este que merece
no poueo que d'ella espero.
Que se amor interesseyro
me puzera a mim em ealma,
já outrem tivera a palma,
mas não se dão por dinheiro
thesouros, que são da alma.

E se pela fé antiga
suspira quando me quer,
huma eousa podes crer,
que nunca de mim se diga,
que faltey no bem querer.
Olha Crisfal, a que chego,
e que me traz men cuidado,
que depois de sepultado
terey por ditoso emprego
sustentar este euidado.

E se n'um eorpo sem vida
ha lugar para lembrança,
inda tenho eonfiança
de levar n'este esculpida
o fim de minha esperança.
Quero que o mundo cante
pois soube teu grande mal,
que sem ter premio igual,
ha na vida amor bastante
a vencer o de Crisfal.

E se per remedio teu
te quiz amor eneantar,
sem eneanto quero amar,
que assaz eneanto he o meu,
pois amey em tal lugar.
E se nas serras de *Lor*
vão sinais de tuas dores,
quero que entre os amadores
se sayba que minha dor
teve fim em Val de Flores.

Emfim que sigo esta via
de te venerer em tristura,
eomo Silvia em fermosura
excede tua Maria
e toda mais eriatura.
Sem esperanças de gloria
quero viver n'estes valles,
peço Crisfal que te eales,
y deyxes minha memoria
ocupada eom seus males.—

Pois que me respondeu:
«Persevera em querer,
eseuta o que has de sofrer
porque saibas do mal meu,
os muytos que inda has de ter.
Ês por sentença de Amor
econdemnado a tal tormento,
que no mór contentamento
te sobresalte huma dor,
que exeeda teu soffrimento.

Ver-te-has perdido o juizo
 com hum revez de tristura;
 quando tua sorte dura
 converta em leve riso
 o mór gosto da ventura.
 Porque tua Silvia ingrata
 inda que agora te queyra
 qucr-te por leve maneira,
 e quando amor mais te mata,
 menos lhe dê tal canseyra.

Vel-a-has d'outra veneida
 (nota bem isto que sigo)
 proscgue em ser seu amigo
 que emfim perdcrás a vida
 por não seguir o que digo.
 E pois viveis tam eontente
 não queyras que mais te conte,
 quero dcyxar este monte,
 que n'elle perpetuamente
 darás agoas a esta fonte.

Disse Amor, como aehasse
 algum tam leal amante,
 que me veneesse em constante,
 esta fonte lhe cntregasse
 por sua no mesmo instante.
 Fiea te n'ella, pastor,
 pois vences em ser leal,
 e eonsola-te em meu mal
 com sercs só vencedor
 do firme pastor Crisfal.

Vcrás aqui mnytas vezes
 tua Silvia n'este prado,
 entam ehorarás dobrado
 que a pena de largos mezes
 esperta vendo o cuidado.

E no verão pela sesta
 se vir aqui assentar,
 bem alheia de euidar,
 que tua vista lhe empresta
 agoa para se lavar.

Estarás n'esta prisão
 (se meu juizo não erra)
 té se produzir na terra
 outro pastor, que em payxão
 nos exeeda n'esta guerra.
 Adeos te fiea, pastor,
 e eomeça de ehorar,
 qu'esta fonte hade lançar
 as agoas que tua dor
 lhe puder communiar.»

Abraçou-se então eommigo
 e na fonte me lançou,
 não sei por onde escapou,
 levou-me o gosto eomsigo,
 e só ehôro me deixou.

Assi fiquey eondemnado
 a força do pensamento,
 e não foy sonho de vento,
 porque depois de acordado
 me vi no mesmo tormento.

Vi-me, e vejo-me agora
 choroso, porque vos quero,
 se outrem vos quer desespéro
 e espero só por hum'hora,
 que me mostre o fim que espero.
 Esta visão temerosa
 que á vossa conta passey,
 vos eserevo, porque sei
 que se a causa he poderosa
 sabeis d'ella o que eu não sey.